

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA**

**O PERFIL DEMOGRÁFICO E SOCIOECONÔMICO DO IMIGRANTE DE CAMPOS
DOS GOYTACAZES E MACAÉ**

JOSÉ VICTOR DE PAULA FRUTUOZO

CAMPOS DO GOYTACAZES

JULHO DE 2017

JOSÉ VICTOR DE PAULA FRUUTOZO

O PERFIL DEMOGRÁFICO E SOCIOECONÔMICO DO IMIGRANTE DE CAMPOS
DOS GOYTACAZES E MACAÉ

Monografia apresentada ao Curso de Administração Pública do Centro de Ciências do Homem do Laboratório de Gestão e Políticas Públicas da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Administração Pública.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Joseane de Souza

CAMPOS DOS GOYTACAZES

JULHO DE 2017

JOSÉ VICTOR DE PAULA FRUTUOZO

O PERFIL DEMOGRÁFICO E SOCIOECONÔMICO DO IMIGRANTE DE CAMPOS
DOS GOYTACAZES E MACAÉ

Monografia apresentada ao Curso de Administração Pública do Centro de Ciências do Homem do Laboratório de Gestão e Políticas Públicas da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Administração Pública

Aprovada em _____ de _____ de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Joseane de Souza – UENF (Orientador)

Prof. Dr. Nilo L. de Azevedo – UENF

Prof.^a Dr.^a Denise Cunha Tavares Terra - UENF

“Por isso não tema, pois estou com você; não tenha medo, pois sou o seu Deus. Eu o fortalecerei e o ajudarei com a minha mão direita vitoriosa”.
Isaías 41:10

AGRADECIMENTOS

Neste momento tão importante da minha vida, um filme passa em minha cabeça e me vejo ainda sonhador, quando imaginava que era impossível conquistar certas coisas, devido às dificuldades que a vida nos traz. Porém, após sete ENEM's, vários vestibulares, muitas portas fechadas e após quase "jogar a toalha", me vejo aqui, quatro anos após a realização de um sonho, e não poderia deixar de dividir esta grande conquista com pessoas importantes que sempre estiveram ao meu lado e, acima de tudo, acreditaram em mim.

Agradeço publicamente, em primeiro lugar, ao meu Deus, que sempre foi, é e será Grande em minha vida, tendo controle sobre o tempo e a vida, mesmo eu achando que tudo poderia estar perdido e nada dar certo.

À minha família. Minha mãe, Jane, que sem sombra de dúvidas é a mulher da minha vida, por me apoiar em todas as escolhas e pelo sacrifício que fez para que eu me tornasse um homem de bem. Meu pai José das Graças, por me ensinar a honestidade do trabalho e quão valiosa é uma amizade ao longo da vida, e que colecionar amigos é saber que nunca estaremos sozinhos; minha irmã Joana, por ser sempre companheira e me ajudar nas urgências do dia a dia e meu cunhado Tiago Araújo, a quem obtive grande apoio num dos momentos mais alegres e também mais difíceis da minha vida. Meus avós, José Devanir e Zélia de Paula, tios e primos, por depositarem grande confiança e expectativa em mim e em especial ao meu tio João Carlos Campos, que desde o começo investiu em minha trajetória acadêmica com um orgulho paternal infinito, não medindo esforços para mudar o patamar da realidade em que vivia.

À Igreja de Nova Vida de Niterói, Pastor Marcos e família Paiva, pelos ensinamentos e cuidado de filho; Renan e Larissa Ribeiro, grandes incentivadores. E meus queridos pais na fé e caminhada Leonardo e Isabel Martins, que foram meu sustento, equilíbrio, e a quem eu pude recorrer desde o começo. E a todos os membros, pois com vocês aprendi o poder que a fé e a unidade têm. A meus amigos de caminhada em Niterói e São Gonçalo, ao qual sempre pude contar e torcermos juntos um pelo outro, não podendo deixar de registrar os queridos Luciano e Matheus Nascimento, Juliana e Família Coelho, Heliomar e Helimar Santos, Diego César, Cláudio Roberto, Caio Vinícius, Sr. Gilberto e Ailton Almeida. E também as grandes amizades e aprendizados que tive no começo de minha trajetória profissional no Plaza Shopping Niterói, em especial aos grandes incentivadores Aureliano Carneiro, Lívia

Cathermol, Livia Gomes, Terry Brossman, Ellen Araújo, Gabriel Rangel, Guilherme Silva e José Eduardo Lúcio.

Fiz não apenas colegas de curso e profissão, mas formei um grande ciclo de grandes amigos e irmãos nesta cidade que levarei para toda vida. E a melhor turma que eu poderia fazer parte, pois com vocês o que seria apenas um período antes de tentar me transferir de volta a Niterói, se tornou um ambiente prazeroso onde pudemos depender um do outro e fazer parte da vida de ambos: Bruna Patrineri, Cátia Botelho, Danilo Barreto, Erwin Wagner, Fernando Lopes, Henrique Vasconcelos, Jéssica Queiroz, Júlia Sarruf, Laira Thamys, Luana Azevedo, Lyzandra Borges, Michely Alves, Murilo Nogueira, Mylena Coimbra e Thiago Faria. A primeira turma do curso, que foi a responsável por receber a mim e todos os meus colegas e nos acolher no meio acadêmico.

Aos queridos professores, por transmitirem sem censura o conhecimento e torcerem pela evolução, sucesso e progresso de seus alunos. A minha não só professora, mas também coordenadora e orientadora Joseane de Souza, pelas oportunidades através do ensino na sala de aula e nas pesquisas no laboratório e no campo. Thaysa Tavares e Bráulio Fontes, pelo brilhante papel que exercem em nosso curso e também por estarem sempre dispostos a ajudar os alunos quando necessitados.

Às famílias que me acolheram em Campos, São João da Barra, Santo Antônio de Pádua, Itaocara, Mimoso do Sul e tantos lugares que, através desta Universidade, tive a oportunidade de conhecer.

À ABUB, a Igreja Semeando Amor em Campos dos Goytacazes e a PIB de Mimoso do Sul. Ao CAAP Leonel Brizola, que a cada ano faz nosso curso ser mais conhecido e abrangente em nossa universidade; ao DCE pelas lutas e conquistas, onde graças a muitas delas pude me manter nesta cidade como aluno; à Atlética Urural; aos nobres colegas que fiz em Brasília através do programa Estágio-Visita.

A todos que construíram e ajudam a manter a Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Alunos, professores, técnicos, membros da reitoria e aos que, de alguma forma, fazem parte da comunidade Uenfiana.

E para encerrar, porém não menos importante, agradeço a pessoa que, para muitos, e até para mim mesmo, seria motivo para que eu parasse e desistisse, achando que toda essa trajetória seria interrompida, porém, foi quem me deu mais forças, motivação e garra para lutar até o fim: meu filho Gabriel. Já te amo, e essa monografia eu dedico principalmente a você. Iremos longe, meu filho!

A todos vocês, muito obrigado por acreditarem, confiarem e me tornarem ao longo desses anos uma pessoa melhor a cada dia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Obstáculos intervinientes presentes no processo de migração.....	21
--	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Campos dos Goytacazes- Estrutura etária dos Imigrantes (2010).....	43
Gráfico 2: Macaé- Estrutura etária dos Imigrantes (2010).....	45
Gráfico 3: Municípios selecionados- Estrutura etária dos Imigrantes (2010).....	46
Gráfico 4: Campos dos Goytacazes- Rendimento total dos imigrantes em salários mínimos (2010)	55
Gráfico 5: Macaé- Rendimento total dos imigrantes em salários mínimos (2010)	56
Gráfico 6: Municípios selecionados- Rendimento total dos imigrantes em salários mínimos (2010).....	57

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: BRASIL- Migrantes interestaduais (1960-1980).....	25
Tabela2: BRASIL: Regiões Metropolitanas- População Total Residente (1970-2010).....	26
Tabela 3: Regiões Metropolitanas – Taxas de Crescimento Populacional e Participação relativa no incremento absoluto (1970-2010).....	27
Tabela 4: Regiões Metropolitanas brasileiras - Taxas de crescimento populacional segundo o núcleo e a periferia (1970-2010).....	32
Tabela 5: Brasil e RM's antigas – População (2016).....	34
Tabela 6: Rio de Janeiro – População residente, por mesorregião (2000-2010).....	36
Tabela 7: Norte Fluminense - População e Taxa de crescimento médio anual, segundo o município (2000-2010).....	39
Tabela 8: Norte Fluminense – Indicadores de movimentos migratórios, segundo o município (2010).....	40
Tabela 9: Municípios selecionados – Nasceu neste município? (2010).....	42
Tabela 10: Municípios selecionados – Mesorregião de residência anterior (2010).....	42
Tabela 11: Campos dos Goytacazes – Nível de Instrução (2010).....	47
Tabela 12: Macaé- Nível de Instrução (2010).....	48
Tabela 13: Municípios selecionados: Nível de instrução (2010).....	49
Tabela 14: Municípios selecionados- Condição de atividades na semana de referência (2010).....	50

Tabela 15: Campos dos Goytacazes - Ocupação principal dos Imigrantes (2010).....	51
Tabela 16: Macaé - Ocupação principal dos Imigrantes (2010).....	52
Tabela 17: Municípios selecionados - Ocupação principal dos Imigrantes (2010).....	53
Tabela 18: Municípios selecionados – índice de analfabetismo dos Imigrantes (2010).....	54

RESUMO

FRUTUOZO, José Victor de Paula. Características demográficas e socioeconômicas dos imigrantes de Campos dos Goytacazes e de Macaé. Campos dos Goytacazes (RJ): UENF, 2017, p. 59. Monografia (Bacharel em Administração Pública). Orientador: Profa. Dra. Joseane de Souza.

Este trabalho tem a finalidade de analisar o perfil demográfico e socioeconômico dos imigrantes de Campos dos Goytacazes e Macaé no período de 2010, caracterizando-os através de variáveis como sexo, faixa etária, renda, escolaridade e grau de ocupação, além de fazer um estudo sobre as migrações internas no Brasil e no Rio de Janeiro, visto que estes movimentos foram identificados como de grande importância para o crescimento da dinâmica demográfica não só no país, mas também para os Estados e regiões, e estes dois municípios, pólos do Norte Fluminense, foram identificados como maiores receptores de imigrantes intrarregionais, contribuindo assim para o crescimento da interiorização do estado do Rio de Janeiro.

Palavras chaves: Migração, Imigrante, Seletividade, Norte Fluminense.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS: DO CONCEITO AOS DETERMINANTES E PROCESSOS DE SELETIVIDADE – UMA REVISÃO DA LITERATURA	17
2.1. Fatores de Migração.....	18
2.2. Seletividade Migratória.....	21
3. AS REGIÕES METROPOLITANAS NO BRASIL	24
4. O ESTADO DO RIO DE JANEIRO E SUA REGIÃO NORTE	36
5. ANÁLISE DO PERFIL DEMOGRÁFICO E SOCIOECONÔMICO DOS IMIGRANTES EM CAMPOS DOS GOYTACAZES E MACAÉ.....	42
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60

1. INTRODUÇÃO

Dentre os fatores que influenciam o crescimento de determinada população, podemos, atualmente, citar como o mais relevante os movimentos migratórios, entendendo-se por migração as mudanças permanentes ou semipermanentes de residência.

Muitos são os fatores que influenciam na decisão de um indivíduo migrar: o fator trabalho, frequentemente apontado como o mais importante, mas também o estudo, fatores relacionados à melhoria da qualidade de vida, à segurança, assim como fatores econômicos, sociais, culturais e políticos.

No Estado do Rio de Janeiro, municípios do litoral norte, que abrangem a baixada litorânea e o norte fluminense, foram apontados por Souza e Frutuozo (no prelo) como a principal área de interiorização do crescimento. Segundo os autores,

[...] pelo menos a partir dos anos 1980, a principal área de interiorização do crescimento do estado do Rio de Janeiro corresponde a toda extensão territorial que vai de Saquarema, nas Baixadas Litorâneas, a Quissamã, no Norte Fluminense (SOUZA e FRUTUOZO, no prelo, p. 19).

Ainda segundo os autores, no caso dos municípios da baixada litorânea o ritmo de crescimento populacional é influenciado pela proximidade espacial com a Região Metropolitana do Rio de Janeiro (esse seria o caso de Saquarema e Araruama), pela vocação turística de alguns municípios (como Cabo Frio, Arraial do Cabo e Armação dos Búzios) e também pela indústria petrolífera (como é também o caso de Cabo Frio). No caso dos municípios do norte fluminense, essa expansão relaciona-se única e exclusivamente à indústria petrolífera, que se instalou na região, nos anos de 1970.

A população de Macaé, município Sede da Indústria Petrolífera, que era de 59.667 habitantes em 1980, atinge o patamar de 206.728 habitantes, em 2010. O ritmo de crescimento médio anual variou de 4,18% no período 1980-1991, para 4% entre 1991-2000 e para 4,55%, entre 2000-2010 e foi fortemente influenciado pelas migrações interestaduais e, sobretudo, pelas migrações intraestaduais (SOUZA e FRUTUOZO, 2016, no prelo).

Na realidade, a instalação da Petrobrás em Macaé, tem modificado de forma significativa a dinâmica demográfica e socioeconômica de praticamente toda a região norte fluminense. Como afirmam Souza e Terra (2015, p. 130):

[...] o acelerado crescimento populacional de Macaé é incitado pelo próprio dinamismo econômico do município, que, sendo base da indústria da exploração e produção de petróleo e gás, torna-se um importante destino para muitos migrantes internos. Em relação aos demais municípios, pode-se dizer que o crescimento populacional deles é provocado pelos efeitos das movimentações econômicas de

Macaé, pelo comportamento de seus respectivos mercados imobiliários, com ofertas de terras relativamente mais baratas, se comparadas ao preço da terra em Macaé, e pela proximidade espacial em relação a este último, a qual permite a realização de movimentos pendulares de distância e tempo relativamente curtos.

É preciso considerar, ainda, que as migrações não alteram apenas o ritmo de crescimento populacional, uma vez que são seletivas, segundo algumas variáveis demográficas e socioeconômicas. A literatura nos mostra uma forte associação entre migrações, sexo e idade, mas certamente há outros atributos socioeconômicos – escolaridade, rendimento, situação do domicílio, dentre outros – que influenciam na seleção (retenção ou expulsão) dos indivíduos, em determinada localidade (CAMPOS, s/d, p. 2).

Tendo em vista tais considerações, pergunta-se: quais as características demográficas e socioeconômicas dos imigrantes de Campos dos Goytacazes e de Macaé, os dois municípios polos da região norte fluminense, no período de 2010?

Como se pode notar, a dinâmica demográfica, socioeconômica e territorial da região norte fluminense foi significativamente alterada ao longo das últimas quatro décadas. Em relação à dinâmica demográfica, chama a atenção o volume de imigrantes recebidos e os elevados saldos migratórios positivos exibidos por muitos municípios da região. Como apontam estudos recentemente desenvolvidos por Souza, Terra e Campos (2012); Souza, Terra e Campos (2015); e Souza e Terra (2015), a migração em direção à região norte é basicamente em função do motivo trabalho e, ao que tudo indica bastante seletiva.

Souza e Terra (2015) identificaram, através do indicador de dependência de mão de obra exógena, uma forte dependência dos mercados de trabalho de Macaé e de Campos dos Goytacazes, em relação à mão de obra exógena. Para o primeiro município o indicador ampliado (que em sua estimativa considera tanto os movimentos migratórios quanto os movimentos pendulares) foi da ordem de 59,69%, no período 2000-2010, sendo da ordem de 30,27% para o segundo, o qual apresenta saldo migratório negativo. Considerando o indicador restrito (estimado considerando-se apenas a pendularidade), esses números apresentaram-se da ordem de 34,18% e de 5,24%, respectivamente.

A seletividade é uma característica intrínseca de qualquer fluxo migratório. Em outras palavras, significa dizer que em qualquer fluxo migratório, independentemente de seu volume, há mecanismos de seletividade populacional, isso porque os migrantes “não são elementos aleatórios em uma população, mas sim indivíduos com características bem definidas” (CAMPOS, s/d, p.2).

Segundo Martine (1980 apud MOURA, 1980), alguns estudos apontam que os naturais encontram-se em uma situação socioeconômica melhor comparativamente a dos

migrantes, enquanto outros apontam a situação inversa. Se por um lado a divergência de resultados pode estar relacionada a fatores teórico-metodológicos, por outro lado, não podemos deixar de considerar os mecanismos de seletividade que atuam em determinada população.

Compreender tais mecanismos é de fundamental importância para a elaboração de políticas migratórias - no sentido de estimulá-las, inibi-las ou de promover condições para a retenção da população natural, dependendo de cada caso – no sentido de um “aproveitamento mais racional e mais humano da dinâmica migratória” (MARTINE, 1980, apud MOURA (org.), 1980, p. 972). No caso específico do norte fluminense, compreender alguns aspectos do processo de seletividade migratória nos parece de fundamental importância para a promoção de políticas no sentido de promover uma melhor inserção dos naturais no mercado de trabalho regional.

Neste sentido, considerando as cidades de Macaé e Campos dos Goytacazes, principalmente, os principais polos da região, este trabalho tem por objetivos específicos:

- ✓ Realizar uma revisão da literatura específica sobre os movimentos migratórios no sentido de compreender porque as pessoas migram e, também os processos de seletividade aos quais estão expostos os migrantes.
- ✓ Estimar a imigração intraestadual em direção a Campos e Macaé nos períodos 2010.
- ✓ Analisar as características socioeconômicas e demográficas dos Imigrantes intraestaduais no período de 2010
- ✓ Analisar o processo de seletividade migratória intraestadual no período de 2010

Tendo em vista que a indústria que se desenvolve no norte fluminense é intensiva em capital, pressupõe-se a existência de uma seletividade migratória no sentido de atração e retenção de indivíduos mais fortes e expulsão dos indivíduos mais fracos, em termos de atributos socioeconômicos. Complementarmente, admite-se por hipótese o fato de que a maioria dos indivíduos expulsos são naturais desses municípios que, não tendo qualificação suficiente para inserção em seus mercados de trabalho, encontram na migração uma estratégia de sobrevivência, tendo em vista a maior possibilidade de inserção em mercados menos intensos em capital.

No primeiro capítulo, faremos uma revisão da literatura com o objetivo de compreender o conceito de migração, o porquê das pessoas migrarem e os fatores de seletividade migratória. Nesse sentido, recorreremos a autores clássicos que contextualizaram em suas épocas, os principais fatores de migração.

No segundo capítulo, faremos também à luz da literatura, um estudo das migrações internas no Brasil, nas últimas décadas. Tendo em vista os objetivos desta monografia, daremos mais ênfase às migrações fluminenses neste contexto, principalmente no período 2000-2010.

No terceiro capítulo estudaremos as migrações e o perfil dos imigrantes intraestaduais dos municípios de Macaé e Campos dos Goytacazes. Serão estimados os principais indicadores dos movimentos migratórios para estes municípios e analisados os atributos socioeconômicos dos imigrantes a partir dos quais serão feitas inferências sobre o processo de seletividade migratória em ação nestes municípios.

Finalmente, são apresentadas as considerações finais, não necessariamente conclusivas.

2. MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS: DO CONCEITO AOS DETERMINANTES E PROCESSOS DE SELETIVIDADE – UMA REVISÃO DA LITERATURA

De acordo com Rigotti e Carvalho (1998, p.1) o conceito sobre migração sofre constantes mudanças, sendo influenciadas de acordo com as pesquisas e características dos dados existentes disponíveis. Porém, os autores definem a migração como “mudanças permanentes de residência entre unidades espaciais pré-definidas”. Esse conceito é bastante próximo àquele definido por Lee (1966, p.99 apud MOURA, 1980), que admite ser a migração “uma mudança permanente ou semipermanente de residência”. O autor não estabelece limites quanto à distância e à natureza – voluntária ou involuntária - do deslocamento, ressaltando-se que nessa definição ficam de fora os movimentos contínuos - dos nômades e dos trabalhadores migratórios - e os deslocamentos temporários.

Ao definir a migração, Everet Lee (1966) assinala que tal fenômeno sempre implicará a existência de um lugar de origem, um lugar de destino e uma série de obstáculos intervenientes.

Segundo o Manual VI, das Nações Unidas, somente devem ser consideradas migrações as mudanças de residência que envolvem localidades que se encontram “em uma distância mínima razoável”. Operacionalmente, a migração se define como uma mudança de residência de uma unidade administrativa para outra, isso porque as informações estatísticas normalmente são tabuladas segundo as unidades administrativas ou políticas em que está dividido o país. No Brasil, a menor unidade administrativa, para a qual dispomos de dados sobre migrações, é o município, o que torna possível o estudo das migrações intermunicipais (mudança de residência entre municípios diferentes de uma mesma unidade da federação ou entre unidades diferentes).

No Censo Demográfico brasileiro contamos a partir do Censo de 1991, com informações sobre os movimentos migratórios de dois tipos: migração de última etapa e migração de data-fixa. Carvalho (1991) classifica como “migração de última etapa” as informações dos indivíduos referentes ao tempo ininterrupto de residência no município e na Unidade de Federação, nome do município e sua Unidade de Federação, ou nome do país estrangeiro, se for o caso de residência imediatamente anterior. Com relação à “migração de data fixa”, são considerados o nome do município de residência, e respectiva Unidade de Federação, ou o país estrangeiro, onde o indivíduo residia há exatos cinco anos anteriores a data da entrevista. Para exemplificar, se o Censo foi aplicado no dia 1º de julho de 2010, será

perguntado ao entrevistador o município de residência, e conseqüentemente a Unidade de Federação, em que residia em 1º de julho de 2005.

Na monografia serão utilizadas as informações referentes aos migrantes intraestaduais de última etapa, captados através dos seguintes quesitos:

1. Unidade da Federação (UF) em que o indivíduo residia antes de mudar-se para o referido município. Como se trata de migração intraestadual, serão considerados apenas aqueles que declararam o próprio estado do RJ como UF de residência anterior.
2. Nome do município de residência anterior. Através do cruzamento desta informação com a informação do município de residência atual (local onde o indivíduo foi recenseado), é possível confeccionar as matrizes origem-destino e, através dela, detectar os Imigrantes e Emigrantes de cada município fluminense.

Existem dois tipos de natureza de estímulos que levam à migração: a voluntária e a involuntária ou necessária. Os movimentos “voluntários” estão ligados à vontade própria do indivíduo de viver junto a amigos, familiares (aspectos subjetivos relacionados a sentimentos de afeto) e também a busca por melhor qualidade de vida, em locais que oferecem emprego, boa infraestrutura, transporte público, pronto atendimento de saúde, lazer, etc. e traduz a ideia de independência individual. Por sua vez, os movimentos “necessários” são aqueles realizados por indivíduos que se veem numa situação em que são obrigados a migrar este é o caso, por exemplo, de crianças que acompanham os pais em seus movimentos migratórios.

2.1. Fatores de Migração

Ao longo de décadas, as migrações se tornaram um movimento importante na dinâmica demográfica em todo o mundo e no Brasil não foi diferente. Vários estudos – como os de Ravenstein (1885), Everet Lee (1966) e Todaro (1969) – mostram que, nos países desenvolvidos, o excedente populacional em regiões economicamente mais atrasadas e as diferenças estruturais entre os setores rurais e urbanos implicaram na transferência de mão de obra daqueles setores para os setores economicamente mais desenvolvidos.

Diversos teóricos, tanto da teoria microeconômica quanto da teoria macroeconômica neoclássica, identificam diversos fatores que influenciam a decisão de migrar.

Importante frisar que na teoria microeconômica, que tem como principais expoentes Sjaastad (1962) e Todaro (1969) “*os indivíduos são seres racionais, capazes de ordenar hierarquicamente suas preferências e de realizar cálculos racionais relacionados a alternativas, visando maximizar a utilidade de suas escolhas*” (SANTOS, 2010, p.7). Essa teoria parte do pressuposto de que os indivíduos possuem informações perfeitas sobre os

diferenciais de renda entre as regiões de origem e destino e considera o migrante um indivíduo racional que decide migrar a partir de um cálculo de custos e benefícios: o indivíduo optará por migrar quando a mudança for vantajosa, ou seja, quando o custo envolvido reverta-se, a médio prazo, em benefícios para ele, como melhores salários, maiores acessos a serviços públicos e qualidade de vida, por exemplo, e por não migrar quando este não oferecer diferenças e vantagens comparativas ao atual custo de vida do indivíduo.

Harris e Todaro (1970 apud Santos 2010 p.7) consideram que os movimentos migratórios são provocados não apenas por diferenças salariais entre duas regiões, mas, também, por diferenças nas taxas e maiores ofertas de emprego. Segundo os autores, deverá existir pelo menos uma destas diferenças para que o movimento migratório ocorra. As migrações ocorreriam até que fossem satisfeitas as expectativas de renda.

Borjas (1989 apud Martine, 2005), analisando as migrações internacionais, argumenta que os países tendem a competir entre si, por meio de políticas de imigração. Como exemplo o autor cita o caso da imigração na América do Norte, (Estados Unidos e Canadá) cuja seletividade é no sentido de atrair os migrantes com maior capital humano acumulado.

Gary Becker (1993, apud SANTOS et al, 2010 p.7), considerando a Teoria do Capital Humano – que diz que o indivíduo, quando qualificado por meio da educação, era um dos mais importantes meios para a ampliação da atividade econômica e, conseqüentemente, das taxas de lucro do capital – aponta que um dos principais fatores determinantes da migração é a avaliação racional, em perspectiva comparada, por parte dos potenciais migrantes, dos custos e dos benefícios de suas várias atividades e hábitos. Significa dizer que a decisão de migração não é tomada apenas em relação aos salários, mas também considerando todo o modo de vida ‘atual’ e ‘futuro’. Para ele, o ato de migrar estaria condicionado a um cálculo racional, que seria aplicado ao processo de tomada de decisão dentro das famílias, tais como casamento, separação e tamanho da família (BECKER, 1993). O autor considera a migração como um investimento em capital humano, o qual tem impacto na renda e na produtividade dos indivíduos, pelo fato de proporcionarem a ele conhecimentos, habilidades e uma capacidade de analisar e resolver problemas (Santos 2010, p.7).

Levando em consideração a Teoria Macroeconômica Neoclássica, as diferenças geográficas de oferta e demanda por trabalho explicariam a teoria da migração. Como o mercado de trabalho é considerado o mecanismo primário que induz os movimentos migratórios, pode-se levar em consideração que os centros mais desenvolvidos e

industrializados seriam os mais atrativos e receptores de imigrantes e que os menos desenvolvidos seriam áreas de emigração, ou seja, de alta expulsão e baixa retenção populacional. Dentro deste arcabouço teórico, as migrações seriam um importante mecanismo de redistribuição espacial da mão de obra, deslocando trabalhadores das áreas onde não há oferta de emprego, para aquelas onde a demanda por mão de obra é mais elevada. Um dos expoentes desta teoria é Singer (1976) que afirma que o processo de migração está diretamente associado ao desenvolvimento do capitalismo, principalmente com o processo de industrialização.

Nesse sentido Everet Lee (1966) assinala que em qualquer movimento migratório há sempre um lugar de origem assim como fatores associados ao lugar de origem; e um lugar de destino e fatores associados a ele. Em qualquer lugar, na perspectiva do migrante, há fatores positivos, capazes de atrair os migrantes; negativos responsáveis pela expulsão; e neutros. O autor considera a existência de uma “inércia natural”, ou seja, uma tendência para que o indivíduo permaneça em seu lugar de origem, e que, para ser vencida, ou seja, para que o indivíduo opte pela migração, os fatores positivos associados ao destino devem superar os fatores positivos associados à origem somados aos fatores negativos associados ao destino. Apenas quando esse jogo de soma for diferente de zero e favorável ao destino os indivíduos realizam movimentos migratórios.

Além disso, o autor considera que em qualquer movimento migratório há obstáculos intervenientes e fatores pessoais que pesam na decisão de migrar.

Figura 1: Obstáculos Intervenientes presentes nos processos de migração



Fonte: Elaboração do Autor

2.2. Seletividade Migratória

De acordo com o IBGE (1994), “pode-se definir seletividade como um conjunto de escolhas e preferências que se manifestam em relação a uma situação específica. Assim, seria uma restrição o que se faz a algo ou a alguém em detrimento de outro, num processo de variação”. Considerando-se o fato demográfico, a seletividade se relaciona com a ocorrência de um evento demográfico em indivíduos com características específicas dentro de uma população. Mortalidade, fecundidade e migração são componentes demográficos seletivos tanto em relação a atributos estritamente individuais de caráter biológico, como sexo e idade, como a aspectos culturais, sociais e econômicos (PRESTON, HEUVELINE E GUILLOT, 2001 apud SANTOS, 2010).

Ravenstein (1885 apud MOURA, 1980) ao expressar as Leis de Migração, faz alusão à seletividade:

- ✓ *Por sexo*: segundo o autor, em fluxos migratórios de curta distância há um predomínio de mulheres, enquanto em fluxos migratórios de longa distância há predomínio de homens.
- ✓ *Por idade*: em geral, migram mais as pessoas mais jovens.
- ✓ *Por fatores associados ao local de trabalho*: segundo o autor, as mulheres migram, na maioria das vezes, à procura de emprego doméstico. Mas é

também elevado número de mulheres que migram à procura de emprego em lojas e fábricas; nesse caso, migram em direção a distritos manufatureiros onde a oficina passa a constituir rival importantíssimo da copa e da cozinha. Os homens migram mais para os centros de mineração de carvão e de ferro, de indústria mecânica e de outras atividades manufatureiras exercidas basicamente por indivíduos do sexo masculino.

Lee (1966: 112) chama a atenção para o fato de que as migrações são sempre seletivas, sendo que os obstáculos que interferem nestas mudanças serviriam “para peneirar alguns dos débeis e incapazes”. O autor também destaca que a migração tende a ocorrer em certas etapas do ciclo de vida do indivíduo – o que também consiste em um fator de seleção dos migrantes – e que o migrante tende a ter características intermediárias entre a população do local de origem e do local de destino.

Atualmente admite-se que são de fato muitos os atributos de seletividade que influenciam na escolha de migrar. Dentre os mais importantes estão os atributos individuais, particularmente a idade. De fato, as pessoas mais jovens migram relativamente mais que os idosos, sendo esta diferença bastante significativa.

Outro importante fator de seletividade relaciona-se ao mercado de trabalho: jovens e adultos migram em busca de emprego, melhor qualidade de vida e oportunidades de trabalho. Significa dizer que a distribuição espacial das oportunidades econômicas tem enorme influência sobre a definição da direção dos fluxos migratórios (origem → destino). Nos locais de destino (que absorvem a mão de obra migrante) há uma seleção, de acordo com critérios impostos pelo mercado de trabalho (qualificação e aspiração salarial do trabalhador, por exemplo).

Autores que analisaram o processo de periferização em algumas regiões metropolitanas brasileiras mais antigas (como Brito e Souza, 1995) apontam, ainda que implicitamente, o mercado imobiliário como importante fator de seletividade migratória. O elevado preço da terra nos grandes centros urbanos ‘expulsa’ a população de baixa renda para municípios da própria região metropolitana, próximos ao grande centro, onde há concentração de oferta de emprego e de serviços. Em parte essa seletividade explica o surgimento das denominadas ‘cidades dormitório’. Nesse caso, as migrações funcionam como uma importante estratégia utilizada por muitos indivíduos para se manterem no mercado de trabalho metropolitano.

Há que se considerar, ainda, que a própria condição socioeconômica do migrante é um importante fator de seletividade migratória uma vez que esta define sua posição no mercado de trabalho e, portanto, no contexto social.

Finalmente, nas migrações associadas a outros fatores que não trabalho (saúde e opções de lazer, por exemplo), clima e infraestrutura urbana de serviços públicos e lazer podem também exercer forte influência sobre a decisão de migrar e, portanto, funcionam, nesse contexto, como elementos de seletividade migratória.

3. AS REGIÕES METROPOLITANAS NO BRASIL

Este capítulo irá abordar a respeito das migrações no Brasil, visto que para se compreender a dinâmica demográfica brasileira e também as dinâmicas demográficas regionais, é necessário entender, também, os movimentos migratórios cujas direções sejam as pequenas, médias e grandes cidades não metropolitanas, tendo em vista o processo de interiorização do crescimento. Isso devido às migrações internas terem contribuído, no Brasil, não apenas para o surgimento das grandes metrópoles, mas também para o crescimento de uma rede urbana nacional diversificada.

No caso brasileiro, a exemplo do que ocorreu nos países desenvolvidos, às migrações internas, que se intensificaram significativamente a partir dos anos 50, constituíram um importante mecanismo de redistribuição da população, com os indivíduos residentes em áreas estagnadas ou em estágios mais atrasados de desenvolvimento industrial se transferindo para as áreas economicamente mais dinâmicas, onde o processo de industrialização se encontrava em estágio mais avançado. Brito (2002)

Como se pode notar na Tabela 1, Brito (2002) detalha as principais regiões do Brasil onde o fluxo migratório apresentou maior relevância e contribui para a dinâmica demográfica e expansão destes territórios. Através dela, pode-se perceber que o Estado de São Paulo foi, entre os anos 1960/1970 e 1970/1980, o maior receptor de imigrantes do país, cuja concentração absorveu cerca de 24,4 % e 30,5%, respectivamente às décadas relacionadas abaixo. O estado do Paraná, no Sul do país, vem em seguida, onde concentrou entre os anos 1960/1970 cerca de 17,8% dos imigrantes e entre 1970/1980, tem uma grande queda nestes indivíduos, visto que anteriormente se concentravam 1.659.750 imigrantes e teve uma queda para 518.986, correspondente a 5,7%. O Rio de Janeiro impulsiona a força do Sudeste brasileiro mesmo após a perda da concentração que havia devido a ser sede da capital do país, haja vista que de 15% dos imigrantes, sua concentração declina para 9,4%, o que não altera sua posição como um dos estados de maior destino no Brasil.

O Nordeste é forte expulsor de indivíduos, pois se por um lado, no fator de imigração, a região recebeu 1.373.499 indivíduos entre 1960/1970, em contrapartida ela também perdeu 3.326.003 pessoas, no mesmo período, o que corresponde a uma diferença de 41,29%. O mesmo fluxo se repete entre os anos 1970/1980, pois enquanto o Nordeste recebia 1.450.135, número um pouco maior que na década anterior, 3.219.708 pessoas deixavam a

região rumo a outras cidades no país. Neste caso, o saldo migratório continua negativo, com diferença de 45%.

O estado do Paraná, que anteriormente se destacava por ser grande receptor, também apresenta números relevantes no quesito emigrante, e com ressalvas aos períodos mostrados na tabela, pois entre 1960/1970, apenas 498.402 pessoas deixaram o Estado, o que correspondia a 5,3% do valor absoluto no país, o que vai quase triplicar nas décadas seguintes, quando o período mostra que 1.338.776 emigrantes, correspondendo a 14,7% do incremento bruto nacional, deixaram os municípios paranaenses.

De modo geral, é notório através dos dados da tabela que São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná são, entre os períodos relacionados, os maiores receptores de imigrantes, com o crescente acompanhamento da região Centro-Oeste, que vai se expandindo devido ao grande movimento migratório relacionado à mudança da capital para Brasília, que tem por consequência a maior dinâmica nos estados de Goiás e o próprio Distrito Federal.

Para os referentes períodos, predominam os emigrantes dos estados do Nordeste e também de Minas Gerais, no Sudeste, fronteiro ao Rio de Janeiro e São Paulo, e o próprio estado paulista, o que movimenta fortemente o dinamismo na região.

Tabela 1: BRASIL – Migrantes Interestaduais (1960-1980)

Estados e Regiões	Imigrantes				Emigrantes			
	1960/70		1970/80		1960/70		1970/80	
	absoluto	%	absoluto	%	absoluto	%	absoluto	%
Norte	229.250	2,5	811.455	8,9	169.183	1,8	246.199	2,7
NE Setentrional	318.332	3,4	275.295	3,0	428.185	4,6	566.379	6,2
Ne Central	712.840	7,6	751.954	8,3	1.982.342	21,2	1.857.086	20,4
Ne Meridional	342.327	3,7	422.786	4,6	915.494	9,8	796.243	8,8
Minas Gerais	527.000	5,6	612.597	6,7	2.041.748	21,9	1.238.859	13,6
Espírito Santo	161.167	1,7	200.895	2,2	374.622	4,0	188.520	2,1
Rio de Janeiro	1.403.737	15,0	850.309	9,4	373.273	4,0	457.695	5,0
São Paulo	2.283.585	24,4	2.775.767	30,5	1.060.673	11,4	952.111	10,5
Paraná	1.659.750	17,8	518.986	5,7	498.402	5,3	1.338.776	14,7
Extremo Sul	456.914	4,9	396.002	4,4	1.103.771	11,8	581.746	6,4
Centro-Oeste	1.244.936	13,3	1.476.470	16,2	392.145	4,2	868.902	9,6
Total	9.339.838	100,0	9.092.516	100,0	9.339.838	100,0	9.092.516	100,0

Fonte: BRITO (2002, p. 12).

Além das migrações interestaduais, as migrações rurais-urbanas, muitas vezes limitadas ao âmbito intraestadual, que se intensificaram de forma expressiva naqueles períodos, são contextualizados da mesma forma, ou seja, aquelas migrações que se limitam ao próprio território estadual, onde indivíduos deixam seus municípios localizados no interior, rumo principalmente a regiões metropolitanas, onde se concentravam as maiores e melhores oportunidades de emprego e estudo, assim como a oferta de serviços públicos.

Carvalho e Garcia (2002) estimam que, entre a década de 1960 e final dos anos 1980, o êxodo rural brasileiro foi de 42,6 milhões de pessoas. Importante ressaltar que este foi o período em que houve grandes obras e investimentos do governo federal que demandaram grande mão de obra por toda parte do país. Como exemplo podem-se mencionar a construção da Ponte Rio-Niterói, em 1974, e a construção de habitações e centros comerciais na recém-inaugurada Brasília. Estas e outras obras e também o desenvolvimento industrial - como o crescimento da Cidade Industrial de Contagem/MG, a partir da década de 1950 e como a instalação da FIAT em Betim/MG, em 1976 -, foram atrativos que impulsionaram a migração interestadual e intraestadual de famílias inteiras rumo aos grandes centros urbanos, tendo em vista oportunidades de mudança de vida que representavam para um grande número de famílias. Ressalta-se que os investimentos em infraestrutura urbana e no desenvolvimento do setor industrial se concentravam nos maiores municípios brasileiros, mais notadamente nas capitais da região Sudeste, especialmente no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Até os anos 1970, as principais regiões metropolitanas brasileiras se destacaram como as mais importantes regiões receptoras de migrantes internos no Brasil, como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Brasília, o que evidencia o processo de metropolização em várias partes do país.

Tabela 2: BRASIL: Regiões Metropolitanas – População total residente (1970-2010)

Regiões Metropolitanas	População				
	1970	1980	1991	2000	2010
Belém	669.768	1.021.486	1.401.305	1.794.801	2.101.883
Belo Horizonte	1.619.792	2.570.281	3.385.386	4.161.028	5.414.701
Curitiba	809.305	1.427.782	1.984.349	2.634.410	3.174.201
Fortaleza	1.070.144	1.627.042	2.339.538	2.901.040	3.615.767
Porto Alegre	1.590.798	2.307.586	3.029.073	3.495.119	3.958.985
Recife	1.755.083	2.347.005	2.874.555	3.272.322	3.690.547
Rio de Janeiro	6.879.183	8.758.420	9.796.649	10.847.106	11.835.708
Salvador	1.135.818	1.752.839	2.474.385	2.988.610	3.573.973
São Paulo	8.113.873	12.552.203	15.395.780	17.768.135	19.683.975
RM's	23.643.764	34.364.644	42.681.020	49.862.571	57.049.740
Brasil	93.134.846	119.002.706	146.825.475	169.544.443	190.732.694

Fonte: Brito e Souza (2005, p. 50)

Podemos analisar na tabela 2 que, em 1970, 25,39% da população brasileira residiam nestas áreas metropolitanas na época (Belém, Belo Horizonte, Curitiba, Fortaleza, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo). Apenas nas regiões de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Recife, residiam em 1970 aproximadamente 78% de toda população residente em áreas metropolitanas. Porém, é importante frisar que aqui se

considerou apenas as 9 principais regiões metropolitanas do país, pois, se levada em consideração todas as RMs das 27 Unidades Federativas, segundo Silva (2011), a população residente em regiões Metropolitanas corresponderiam a aproximadamente 36% da população.

Nos anos 1980, é contínuo o crescimento nas principais Regiões Metropolitanas brasileiras, que de 25,39 % passam a compor 28,9 % da população.

As RMs de São Paulo- que em 1970 tinha 8.113.873 habitantes e em 1980 passa a ter 12.552.203 mil habitantes, o que representou o maior ritmo de crescimento, equivalente a 4,43%, e a exatamente 10,54% da população brasileira- Rio de Janeiro- que em 1970 tinha 6.879.183 mil habitantes, que correspondiam a 7,38 % da população brasileira, que naquela época era de aproximadamente 93.134.846 habitantes e em 1980 cresce 2,44%- e Belo Horizonte, com 2.570.281 habitantes, correspondente a 2,15 da população- continuam sendo as maiores concentrações populacionais no que se diz respeito a esse contingente populacional metropolitano, o que vai se confirmar nas décadas seguintes, onde as três RMs do sudeste continuam comportando a maior parte da população residindo nessas mesorregiões.

Tabela 3: BRASIL – Regiões Metropolitanas – Taxas de Crescimento Populacional e Participação relativa no incremento absoluto (1970-2010)

Regiões Metropolitanas	Taxa de crescimento				Participação relativa no Incremento Absoluto*			
	1970/80	1980/91	1991/2000	2000/10	1970/80	1980/91	1991/2000	2000/10
Belém	4,31	2,92	2,84	1,59	3,28	4,57	5,48	4,27
Belo Horizonte	4,73	2,54	2,36	2,67	8,87	9,80	10,80	17,44
Curitiba	5,84	3,04	3,26	1,88	5,77	6,69	9,05	7,51
Fortaleza	4,28	3,36	2,47	2,23	5,19	8,57	7,82	9,94
Porto Alegre	3,79	2,50	1,63	1,25	6,69	8,68	6,49	6,45
Recife	2,95	1,86	1,48	1,21	5,52	6,34	5,54	5,82
Rio de Janeiro	2,44	1,02	1,16	0,88	17,53	12,48	14,63	13,76
Salvador	4,43	3,18	2,16	1,80	5,76	8,68	7,16	8,14
São Paulo	4,46	1,87	1,64	1,03	41,40	34,19	33,03	26,66
RM's	3,81	1,99	1,78	1,36	100,00	100,00	100,00	100,00
Brasil	2,48	1,93	1,64	1,18	41,44	29,89	31,61	33,92

Fonte: Brito e Souza (2005, p.50); *estimativa do autor, através dos dados da Tabela 3.

A tabela 3 mostra que a população residente nas regiões metropolitanas mais do que duplicou saltando de 23. 643. 846 habitantes, que correspondia a 25,39 % da população, para 57.049.740 em 2010, correspondendo a 30% da população brasileira, ou seja, e 1970 a 2010, os residentes domiciliados nas principais regiões metropolitanas do país cresceram 41,43%.

Observa-se também que Belém continua, ao longo das décadas, como um dos menores contingentes populacionais no que diz respeito a sua concentração metropolitana, dentre as dez mais importantes nesse período. Em 1970, sua população era de 669.768, que

correspondia a 2,83 % das principais RMs e a 0,71 % da população brasileira e em 2010, mesmo com o dobro do crescimento de seus habitantes, ela continua com uma das menores contribuições, visto que com 2.101.883 habitantes, que corresponde ao crescimento médio de 4,31% entre 1970 e 1980, e 1,59 entre 2010 e 2010, incrementa sua participação entre as principais regiões metropolitanas em 3,68% e dentre a população nacional, participa com 1,10 %.

Já a participação relativa no incremento absoluto indica a contribuição do crescimento populacional de cada uma das regiões metropolitanas para o incremento absoluto da população residente em áreas metropolitanas brasileiras. Nota-se que a Região Metropolitana que mais contribui para o incremento da população metropolitana brasileira é a RMSP, mesmo tendo sua participação se reduzido de 41,4%, entre 1970-1980, para 26,66%, entre 2000-2010. A RMRJ, cujo crescimento populacional correspondeu, no período 1970-1980, a 17,53% da população metropolitana brasileira atualmente tem uma participação relativa de 13,76%, ao passo que a participação relativa da RMBH aumentou de 8,87% para 17,44%, no mesmo período. Note, ainda, que a participação relativa da população residente em áreas metropolitanas para o crescimento populacional total brasileiro reduziu-se de 41,44%, entre 1970-1980 para 33,92% entre 2000-2010, havendo, portanto, uma maior participação relativa de municípios não metropolitanos.

Voltando a atenção para o Rio de Janeiro no que diz respeito a sua participação referente à população total residentes nas Regiões Metropolitanas, como citado acima, sua RM sempre obteve destaque por ser uma das maiores concentrações populacionais no país, devido a grande concentração industrial, demanda de mão de obra, onde as empresas e o mercado se instalaram devido a não ser só a capital fluminense, mas também a capital da república anteriormente e, visto que era o destino de muitos migrantes, sua concentração e aumento populacional sempre era crescente.

Entre 1970 e 1980, o estado do Rio de Janeiro concentrava 1.403.737 imigrantes, que correspondiam a 15% da parcela populacional do país, e 373.273 emigrantes, incrementando em 4% esta participação dos indivíduos que saem de seus estados rumo a outros destinos. Isso fez com que o saldo migratório do estado fosse de 1.030.464 positivo, o que demonstrou que mesmo com as mudanças ocorridas no país com a mudança da capital nacional para Brasília, o Rio de Janeiro continuasse sendo o destino mais procurado pelos imigrantes.

Já nas próximas décadas, entre 1970 e 1980, o Rio continua com números expressivos com relação a sua taxa de migração, porém sentindo o impacto das mudanças

ocorridas com os movimentos migratórios em todo país, visto que agora o número de imigrantes diminuiu para 850.309 imigrantes, o que acarretou na queda da participação populacional, que antes era de 15% e agora passa a ser de 9.4%. O número de emigrantes também vai aumentar se comparado ao período anterior, onde são registrados para 1970/1980 457.695 emigrantes, saltando de 4% para 5% na participação relativa dos emigrantes no país.

Em 1970 a população metropolitana da então ainda capital fluminense (visto que a fusão com o estado da Guanabara se deu em 1975), era de 6.879.183 habitantes, o que correspondia a 29% da população residente em regiões metropolitanas no país e a 7,4% da população residente em todo território nacional. Em 1980, o Rio de Janeiro continua predominante como a segunda RM do país, porém com sua participação percentual reduzida, onde se contabilizam nesta década 8.758.420 habitantes, correspondendo a 25% da população nas regiões metropolitanas no país e a 7,4 % da população nacional, mesma média da década anterior. Destacam-se nesse período o crescimento da RM de Belo Horizonte em 4,73 % e a São Paulo e Salvador, com 4,46% e 4,43%, respectivamente.

Em 1991, na primeira década pós a nova Constituição e volta do Regime Democrático, a RMRJ continua no crescente populacional, saindo de 8.758.420 habitantes em 1980 para 9.796.649 habitantes em 1991, crescendo apenas 1,02 %, bem abaixo dos 2,44% do período anterior, e participando em 6,8% em relação à população total do país. Nesse período, nota-se mais uma vez o aumento da população metropolitana, juntamente com o crescimento populacional ao longo dos anos, porém sua participação relativa no Brasil diminuiu, onde podemos notar que Salvador e Porto Alegre crescem também em ritmo acelerado, com 3,18% e 2,5% respectivamente. Também nesse período, os maiores crescimentos foram das regiões Metropolitanas de Fortaleza, com 3,36% e Curitiba, com 3,04%.

Em 2000, quando a população brasileira era de 169.544.443 habitantes, e as regiões metropolitanas correspondiam a 29,4% dessa fatia, a RM de São Paulo começa a se destacar das demais. Sua distribuição relativa é de 35,63 dentre as RMs enquanto, em relação à população nacional, chega a ser de 10,48%, enquanto o Rio de Janeiro corresponde a 21,75% e em relação à distribuição relativa, corresponde a 6,4%, um pouco abaixo do período anterior, quando contribuía com 6,8%.

Com relação ao padrão migratório das principais regiões Metropolitanas brasileiras, Brito (2005) mostra que, até aquela década, a população metropolitana crescia mais aceleradamente do que as populações dos municípios periféricos. O Censo de 1980 vai mostrar ainda o processo onde se inicia a periferização da população dessas áreas. Entende-se

por periferização um processo associado à metropolização e caracterizado pelo crescimento populacional mais acelerado da periferia metropolitana (todos os municípios, com exceção da metrópole ou município polo) em relação ao crescimento da metrópole ou do município polo (considerando-se que nas aglomerações metropolitanas mais recentes não necessariamente há uma grande metrópole, mas uma cidade polo).

Ressalta-se que se a metropolização foi impulsionada pelas diferenças regionais, que se intensificaram a partir dos anos 1950, e viabilizada pelo melhoramento da infraestrutura no país, melhores condições viárias, modernização das telecomunicações, e principalmente pelas migrações metropolitanas, pode se considerar que a periferização se relaciona pelo excedente de mão de obra nos grandes centros urbanos. Segundo Brito e Souza (2008), a periferização se deve ao fato dos imigrantes, tanto intraestaduais quanto interestaduais, estarem expostos, no município de destino, a mecanismos de seletividade deste local. Quando não conseguem se adaptar há a reemigração, mas em direção a outro município da própria região metropolitana. Nesse sentido, a periferização é uma resposta da população ao processo de seletividade assim como uma estratégia de manter residência na Região Metropolitana, onde se concentram as oportunidades de trabalho.

Essa seletividade migratória ocorre devido aos indivíduos de diferentes culturas terem dificuldades de se adaptar a também essa nova cultura encontrada no seu local de destino, visto que, por exemplo, o custo de vida numa cidade interiorana, localizada numa região precária, é menor do que num grande centro urbano, o que acarreta numa nova ambientação deste, que pode sentir as dificuldades de um novo modo de vida.

Os autores também afirmam que os mecanismos de seletividade “consideram que a capacidade de adaptação dos indivíduos em uma sociedade se relaciona aos atributos socioeconômicos dos mesmos, e utilizam os níveis de escolaridade e rendimento dos migrantes como indicadores desse processo.” Além das variáveis de nível de escolaridade e renda dos imigrantes, existem também outras como as características socioeconômicas dos indivíduos, e das famílias, infraestrutura de transportes e comunicação, capacidade de percepção e reação dos indivíduos em novas oportunidades econômicas; bem como as características locais de origem e destino (BARBIERI 2007 apud SOUZA e BRITO 2008).

Ou seja, ao migrarem, os indivíduos estão expostos a um modo de vida diferente do que viviam em seu local de origem, e devido ao alto custo de vida que este pode encontrar, estes procuram na periferia um custo de vida mais adaptado a sua realidade.

A grande oferta empregatícia se concentrava nos grandes centros urbanos, e em suas regiões metropolitanas, o que demandava de um grande volume de mão de obra para preencher as necessidades de vagas de emprego, e, a partir do momento em que o acesso das regiões mais afastadas desses grandes centros é facilitado com a modernização do transporte viário, a infraestrutura modernizada de transporte, seja através de novas estradas, ou de ofertas também de outros meios de locomoção, e também com a melhor comunicação e distribuição de informações, a população passa a se deslocar para esses grandes centros urbanos a fim de melhorar a qualidade de vida, da busca de novas oportunidades, sejam de emprego ou estudo, e até mesmo um acesso a grande quantidade de ofertas sejam através de uma autonomia para ter seu próprio negócio, ou para estar mais próximo ao grande mercado, melhor acesso a uma infraestrutura urbana, condições econômicas de família e melhor proximidade das oportunidades de trabalho, como dito anteriormente.

Com um maior deslocamento populacional para as regiões metropolitanas, ocorre no Brasil um grande êxodo rumo as grandes Metrópoles, o que vai diminuir o contingente populacional de cidades distantes dos grandes centros urbanos rumo as grandes cidades.

Interessante perceber que, com a grande procura por melhores condições de vida e a falta de oportunidades em municípios periféricos, ou em cidades com menos oportunidades de trabalhos, há um grande deslocamento no país para os centros urbanos metropolitanos que, ao concentrarem esses imigrantes, que chegam à busca de grandes oportunidades, essas mesmas regiões receptam os indivíduos que, ao mesmo tempo em que trabalham nas capitais, acabam por se deslocar às cidades vizinhas para morar, o que envolve o movimento pendular, que segundo MOURA, CASTELLO BRANCO, e FIRCOWSKI (2005, p 122), é definida como “mobilidade correspondente ao conjunto de deslocamentos que o indivíduo efetua para executar os atos de sua vida cotidiana (trabalho, compras, lazer)”.

Tabela 4: Regiões Metropolitanas brasileiras - Taxas de crescimento populacional segundo o núcleo e a periferia (1970-2010)

Regiões Metropolitanas	Taxas de crescimento					
	Núcleo			Periferia		
	1970/80	1980/91	1991/00	1970/80	1980/91	1991/00
Belém	3,95	2,65	0,31	9,26	5,36	14,29
Belo Horizonte	3,73	1,15	1,11	7,45	5,11	3,97
Curitiba	5,34	2,29	2,13	7,24	4,72	5,15
Fortaleza	4,3	2,78	2,15	4,18	5,42	3,31
Porto Alegre	2,43	1,06	0,83	5,3	3,91	2,16
Recife	1,27	0,69	1,03	5,11	2,96	1,82
Rio da Janeiro	1,82	0,67	0,74	3,39	1,49	1,66
Salvador	4,08	2,98	1,84	6,91	4,31	3,62
São Paulo	3,67	1,16	0,85	6,37	3,22	2,81

Fonte: Brito e Souza (2005, p.50); *estimativa do autor, através dos dados da Tabela 3.

Podemos ver na Tabela 4 a taxa de crescimento populacional segundo o Núcleo e a periferia das principais regiões Metropolitanas do país, citadas anteriormente (Importante ressaltar que o Núcleo é a capital do Estado, a Periferia são as Cidades em torno do Núcleo, que juntas formam a Região Metropolitana. As demais cidades e municípios são classificados como Interior).

A partir dos anos 1960, há uma desconcentração da atividade produtiva, onde há um maior processo de interiorização nos maiores estados do país, e as principais regiões metropolitanas vão perdendo o ritmo de crescimento a partir da década de 1970.

Nota-se que em São Paulo, que concentra a maior Região Metropolitana do país, a população de moradores residentes no núcleo, ou seja, na capital, também vai tendo seu ritmo desacelerado a ponto que, entre 1970 e 1980, sua taxa de crescimento foi de 3,67%, porém, entre 1980 e 1991, há um declínio nesse índice, onde se apontam um ritmo de crescimento de 1,16%, e diminuindo para 0,85%.

Por outro lado, a taxa de crescimento dos indivíduos residentes nas periferias, que entre 1970 e 1980 apontam para 6,37%, oscila na década seguinte para 3,22%, caindo para 2,81% entre 1991 e 2000, mas mantendo-se maior que o índice entre os habitantes na capital.

No Rio de Janeiro também não foi diferente. Percebe-se que entre os anos 1970/1980, a capital fluminense concentrava 1,82% da população estadual, ao passo que na periferia se encontravam 3,39% dos residentes estaduais. Na década de 1980, a concentração nesses dois centros cai mais que a metade, visto que enquanto o núcleo passou a concentrar 0,67% da população estadual, a periferia reduziu esta taxa para 1,49% entre 1980/1991, período onde começam a surgir os novos aglomerados urbanos, devido aos novos postos de

trabalho que surgiam, no caso do Estado do Rio de Janeiro, principalmente na região das Baixadas Litorâneas e no Norte Fluminense, principalmente em Macaé, com a instalação da Petrobrás em 1973, o que vai alavancar a região não só economicamente, mas também em seu contingente populacional, onde diversos indivíduos irão migrar rumo ao interior do Estado, visto que, segundo Brito (2009), durante as décadas de 1960 e 1980, período em que houve um grande êxodo migratório, 42,6 milhões de brasileiros migraram, e as migrações internas eram vistas como praticamente a única possibilidade de ascensão social por grande parcela da população brasileira.

Esses índices ficam mais claros quando se analisa a taxa de crescimento das décadas de 1991/2000, onde, apesar de ter um pequeno aumento na população residente no núcleo, o estado do Rio de Janeiro aponta também um pequeno crescimento na periferia, porém nada tão relevante quanto aos índices anteriores.

No Brasil, de acordo com Carvalho e Garcia (2002), a intensificação das migrações internas, tanto interestaduais- entre os estados da federação- quanto intraestaduais- ou seja, dentro do próprio estado- coincide com o processo de metropolização, ou seja, com a grande concentração da população nas áreas metropolitanas. Essas regiões metropolitanas, como Rio de Janeiro e São Paulo, sempre se destacaram pelo enorme poder de atração e retenção que exercem sobre os imigrantes, devido às diversas oportunidades que oferecem à população, como por exemplo, a possibilidade de emprego, serviços de saúde, educação, consumo e lazer.

Atualmente no Brasil, de acordo com o IBGE, existem cerca de 70 regiões Metropolitanas (IBGE, 2017). No Brasil, até 1973, de acordo com a Lei complementar 14 que obedecia a Constituição de 1967, era a União quem estabelecia quais eram e os critérios utilizados para se definir uma Região Metropolitana. A partir da Constituição de 1988, esse critério e responsabilidade ficaram a cargo dos próprios governos estaduais. E sua definição não se limita a apenas um número estatístico, definido por quantidade habitacional ou o número de municípios em torno de uma capital ou cidade de grande importância, mas sim, levando em consideração que Regiões Metropolitanas formam, no geral, aglomerados urbanos (o que não faz de um aglomerado urbano uma RM), podemos defini-la como um conjunto de municípios interligados que dependem uma das outras tanto economicamente quanto em questões de oferta de mercado de trabalho, estudo, lazer, cobertura na área, etc. as cidades se interligam formando um grande aglomerado urbano.

Tabela 5: Brasil e RM's antigas – População (2016)

Região Metropolitana	UF	População*	% em relação à População Total das RMs selecionadas	% em relação à População Total brasileira
São Paulo	SP	21.242.939	33,45	10,31
Rio de Janeiro	RJ	12.330.186	19,42	5,98
Belo Horizonte	MG	5.873.841	9,25	2,85
Brasília	DF	4.291.577	6,76	2,08
Porto Alegre	RS	4.282.410	6,74	2,08
Fortaleza	CE	4.019.213	6,33	1,95
Salvador	BA	3.984.583	6,27	1,93
Recife	PE	3.940.456	6,21	1,91
Curitiba	PR	3.537.894	5,57	1,72
Total		63.503.099	100,00	30,81
Brasil		206.081.432		61,63

Fonte: IBGE, 2016

As maiores RMs brasileiras englobam as capitais, onde pelo menos cada Unidade Federativa tem uma Região Metropolitana. E como pode se analisar na tabela 5, o estado de São Paulo comporta um número expressamente significativo dentre estas regiões, onde com 21.242.939 milhões de habitantes, forma a maior área metropolitana no país, seguida pelo Rio de Janeiro, com quase a metade desse número, correspondendo a 12.330.186 e Belo Horizonte, com 5.873.841 habitantes.

Essas regiões metropolitanas, principalmente a RMSP e a RMRJ, sempre se destacaram pelo enorme poder de atração e retenção que exercem sobre os imigrantes, devido às diversas oportunidades que oferecem à população, como, por exemplo, a possibilidade de emprego, serviços de saúde, educação, consumo e lazer.

A Região Metropolitana do Rio de Janeiro é a única que compõe todo o território do Estado Fluminense, e é constituída por 21 municípios, sendo eles o Rio de Janeiro, que é a capital, e, por ordem de tamanho populacional, de acordo com o Censo de 2010, São Gonçalo, Duque de Caxias, Nova Iguaçu, Niterói, Belford Roxo, São João de Meriti, Magé, Itaboraí, Mesquita, Nilópolis, Maricá, Queimados, Itaguaí, Japeri, Seropédica, Rio Bonito, Guapimirim, Cachoeiras de Macacu, Paracambi e Tanguá.

Como cidade de referência, desde que era a capital da República, foi grande receptora de indivíduos, e os municípios em torno da cidade do Rio de Janeiro acabaram por absorver estes indivíduos, o que interligou estes locais de destino e os transformou numa grande conurbação fluminense.

Uma das consequências dessa descentralização da atividade produtiva nos núcleos e principais centros metropolitanos foi a aceleração do crescimento populacional de algumas áreas interioranas, que acabaram resultando em diversas aglomerações urbanas, como por exemplo, Santos e Campinas, no estado de São Paulo, que surgiram a partir da desconcentração espacial da indústria paulista. Desconcentração esta que também fez surgir, em Minas Gerais, um grande desenvolvimento das cidades de Uberaba e Uberlândia, no triângulo Mineiro, e de Varginha, Poços de Caldas e Pouso Alegre, no sul do Estado. No Espírito Santo, destaque para o crescimento do interior capixaba com o desenvolvimento de Linhares, Colatina e Cachoeiro do Itapemirim, fazendo com que o interior dos estados brasileiros, antes expulsor de indivíduos, passem a se tornar grandes receptores não só de pessoas, mas também de investimentos para negócios, como comércios e o setor mobiliário.

Esta interiorização do crescimento também se fez presente no Estado do Rio de Janeiro, que vem experimentando, a partir dos anos 1960, um declínio em suas taxas de crescimento populacional, refletindo, por um lado, os baixos níveis de fecundidade, e, por outro, a perda do poder de atração exercido pelo estado sobre a população migrante em decorrência do baixo dinamismo da economia fluminense nos anos 1960 e 1970, o que vai resultar numa redistribuição espacial da população fluminense rumo ao interior, que já pode ser observado a partir dos anos 1980, o que vai motivar o crescimento e o processo de urbanização das cidades principalmente litorâneas, criando novos aglomerados urbanos nas últimas décadas, onde se destacarão nas décadas de 2000 e 2010 os municípios de Campos dos Goytacazes e Macaé, fato este que veremos no próximo capítulo.

4. O ESTADO DO RIO DE JANEIRO E SUA REGIÃO NORTE

O estado do Rio de Janeiro é dividido, segundo critérios do IBGE, em seis mesorregiões: Baixadas, Centro, Metropolitana, Noroeste, Norte e Sul. Sua população, em 2000, era de 14.392.106 habitantes, chegando a 15.989.929 em 2010. A população fluminense encontra-se extremamente concentrada na mesorregião Metropolitana do Rio de Janeiro: em 2010, 78,67% da população residia nesta região e apenas 21,33% da população total se distribuía entre as demais mesorregiões do Estado. Em termos globais, a população fluminense cresceu a um ritmo médio anual de 1,06%, entre 2000 e 2010, mas como se pode notar na Tabela 6, há diferenças significativas de ritmo de crescimento entre as mesorregiões do estado.

Tabela 6: Rio de Janeiro – População residente, por mesorregião (2000-2010)

Mesorregiões	2000		2010		Taxa de crescimento médio anual	Participação Relativa no Incremento Absoluto
	População Absoluta	%	População Absoluta	%		
Noroeste Fluminense	297.837	2,07	317.493	1,99	0,64	1,23
Norte Fluminense	699.292	4,86	849.515	5,31	1,97	9,4
Centro Fluminense	452.646	3,15	481.357	3,01	0,62	1,8
Baixadas	462.325	3,21	700.842	4,38	4,25	14,93
Sul Fluminense	933.983	6,49	1.062.237	6,64	1,3	8,03
Metropolitana	11.546.023	80,22	12.578.485	78,67	0,86	64,62
RJ	14.392.106	100	15.989.929	100	1,06	100

Fonte: IBGE – Censos Demográficos de 2000 e 2010

Apesar de ter a maior concentração populacional a mesorregião metropolitana apresentou, no período, uma taxa de crescimento de apenas 0,86% ao ano, superando apenas a taxa de crescimento do Noroeste fluminense. As regiões que mais cresceram foram as Baixadas Litorâneas, que cresceram 4,25%, crescimento muito superior da região onde se concentra a capital, e o Norte, com 1,97%, índice bem abaixo das Baixadas.

A tabela 6 também aponta que o ritmo de crescimento médio anual da região Norte (1,97% e 9,40% de incremento absoluto) foi maior que o da própria região metropolitana, onde se concentram a capital e o núcleo e correspondem a 64,62% da população estadual, porém com crescimento de 0,86%, e também superior ao Noroeste, Centro e Sul fluminense, ficando atrás apenas das Baixadas Litorâneas, que cresceram em média 4,25% entre 2000 e 2010.

Historicamente, o Norte Fluminense sempre foi um grande polo agrícola para o Estado, com sua economia impulsionada principalmente pelo cultivo da cana-de-açúcar, onde predominavam grandes engenhos que exportavam para todo o país e exterior, o que contribuiu

primordialmente para o desenvolvimento econômico fluminense até a década de 1970, quando foi descoberta em seu litoral a Bacia de Campos. Com a descoberta do Petróleo e com a decadência da produção de cana de açúcar, a atividade agrícola foi sendo substituída pela atividade extrativa mineral, tendo essa mudança impactado significativamente a dinâmica demográfica e econômica regional. A região Norte, mais notadamente os municípios produtores de petróleo e base da indústria petrolífera, passaram a atrair muitos indivíduos, de várias regiões do país, e também do Estado- formando as migrações intraestaduais, que serão estudadas neste projeto- o que vai ao encontro justamente com uma das teorias macroeconômicas, a qual o mercado de trabalho é visto como mecanismo primário que induz os movimentos migratórios, levando os indivíduos aos centros mais desenvolvidos e industrializados.

Atualmente, a região que é formada pelos municípios de Campos dos Goytacazes, Cardoso Moreira, Carapebus, Conceição de Macabu, Macaé, Quissamã, São Fidélis, São Francisco do Itabapoana e São João da Barra - é a terceira maior mesorregião do estado do Rio de Janeiro, com 849.515 habitantes, atrás da Metropolitana, com 12.578.485, e Sul, com 1.062.237 habitantes, de acordo com o Censo de 2010.

Em 2000, tinha 699.292 habitantes, que correspondia a 4,86% da população total estadual e cresceu nas últimas duas décadas, a um ritmo de crescimento médio anual de 1,97%, onde chegou em 2010 a 849.515 mil habitantes, o que corresponde a 5,31% da população estadual. Interessante perceber, como mostra a Tabela 6, que seu ritmo de crescimento médio anual foi maior que a média estadual e é a segunda maior taxa de crescimento populacional do Estado.

Praticamente todos os nove municípios da região recebem royalties da exploração do petróleo, com destaque para as arrecadações de Campos dos Goytacazes e Macaé. Hoje, os nove municípios do NF têm a arrecadação proveniente dessa compensação financeira decorrente da exploração mineral na região.

Para se ter conhecimento do grande potencial econômico e a representatividade significativa que a região tem para o Estado, somente em 2016, o Estado do Rio de Janeiro recebeu, entre royalties do petróleo e participações especiais, o valor de R\$ 2.554.820.002,30. Campos dos Goytacazes, neste mesmo período, arrecadou R\$ 292.729.429,45, o que corresponde a 11,45% do total arrecadado pelo Estado e a quase 40% do total arrecadado pelos municípios da região Norte Fluminense (R\$ 747.420.000,00. - inforoyalties 2016).

Além disso, se comparado à arrecadação nacional, que foi de R\$ 4.062.860.470,43, a arrecadação de Campos correspondeu a 7,2%.

Elencando a posição de sétima cidade mais rica do país, possui um grande centro comercial, hoteleiro, três Universidades públicas e oito da rede privada, sendo referência principalmente na área de saúde, onde comporta não só os pacientes residentes locais, mas também toda população dos municípios vizinhos. Além do polo de exploração de petróleo, possui ainda usinas (das sete usinas de álcool e açúcar do estado, seis estão na cidade), indústrias cerâmicas. De acordo com o IBGE, em 2014, o Produto Interno Bruto (PIB) de Campos foi de R\$ 58.011.293,00, sendo o 9º maior do país.

Por sua vez, Macaé, cidade onde está localizado o complexo da Petrobrás e muitas indústrias prestadoras de serviço neste segmento, e segundo maior em população na região, arrecadou em 2016 R\$ 263.174.120.25, correspondendo a 10,3% da arrecadação estadual e 6,5% da arrecadação nacional. Devido à instalação da Petrobrás na cidade, Macaé atraiu diversas empresas e empreendimentos, que impulsionaram o crescimento populacional e econômico, que tem justamente no setor petrolífero sua maior força econômica. O PIB registrado para 2010 foi de R\$ 267.976.990.00

Juntos, os dois maiores municípios da região Norte Fluminense arrecadaram mais de R\$ 555.903.000,00 apenas em royalties e participações especiais, o que corresponde a 21,8% do percentual estadual e a 13,7% da arrecadação nacional, o que mostra como a região é forte economicamente e tem se desenvolvido ao longo dos anos, sendo um forte atrativo no que diz respeito a investimento e, conseqüentemente, no que se diz respeito à atração populacional em oportunidades de mercado e investimento.

Tabela 7: Norte Fluminense - População e Taxa de crescimento médio anual, segundo o município (2000-2010)

Município	2000	2010	Taxa de crescimento
Carapebus	8.666	13.359	4,4
Cardoso Moreira	12.595	12.600	0
Campos dos Goytacazes	407.168	463.731	1,3
Conceição de Macabu	18.782	21.211	1,2
Macaé	132.461	206.728	4,6
Quissamã	13.674	20.242	4
São Francisco do Itabapoana	41.475	41.354	0
São Fidélis	36.789	37.543	0,2
São João da Barra	27.682	32.747	1,7

Fonte: IBGE – Censos Demográficos de 2000 e 2010

Com relação ao ritmo de crescimento médio anual dos municípios da região, destacam-se, como mostra a Tabela 7, Macaé, com 4,6%, Carapebus, com 4,4%, e Quissamã, com 4%. Apesar de ser o maior município e se destacar pelo polo econômico regional, Campos apresentou taxa de crescimento populacional de 1,3% ao ano, sendo inferior a vizinha São João da Barra, que registrou 1,7% ao ano. Este município tem se destacado nos últimos anos, pois vem recebendo muitos investimentos com relação a grandes projetos de infraestrutura como o Porto do Açú e seu complexo industrial, o que tem movimentado não só a crescente em população e seu ritmo de crescimento, mas também a economia e sua dinâmica geográfica.

Municípios menores da região, como São Fidélis, São Francisco do Itabapoana e Conceição de Macabu, experimentaram crescimento em seu ritmo médio anual, porém não com tanto destaque quanto os demais citados acima. E Cardoso Moreira praticamente teve seu crescimento nulo nos últimos anos.

Nos dois períodos, Campos dos Goytacazes é o maior município do Norte Fluminense, concentrando mais de 50% da população regional, seguido por Macaé. Neles residiam 77,17% da população do norte fluminense, em 2000, tendo esse percentual elevado para 78,92% em 2010. Tanto em 2000 quanto em 2010, mais da metade da população residia em Campos.

Entre 2000 e 2010, o crescimento populacional desses dois municípios foi de 87%, do crescimento populacional regional, o que significa dizer que a região tem crescido muito em detrimento dessas duas cidades, visto que são as que, dentre todas da região, tem mostrado

maior participação populacional, em taxa de crescimento e também economicamente, com seus polos industriais.

Tabela 8: Norte Fluminense – Indicadores de movimentos migratórios intra-regionais, segundo o município (2010)

Município	Imigrantes	Emigrantes	Saldo Migratório	População	Taxa de Imigração	Taxa de Emigração	I/E	TLM
Carapebus	1.616	338	1.278	13.359	12,1	2,53	4,78	9,56
Campos dos Goytacazes	7.843	15.311	-7.468	463.731	1,69	3,3	0,51	-1,6
Cardoso Moreira	580	579	1	12.600	4,6	4,6	1	0
Conceição de Macabu	1.168	932	236	21.211	5,51	4,39	1,25	1,11
Macaé	15.942	11.146	4.796	206.728	7,71	5,39	1,43	2,32
Quissamã	1.635	580	1.055	20.242	8,08	2,87	2,82	5,21
São Francisco do Itabapoana	1.591	1.187	404	41.354	3,85	2,87	1,34	0,98
São Fidélis	1.361	1.633	-272	37.543	3,63	4,35	0,83	-0,7
São João da Barra	2.393	832	1.561	32.747	7,31	2,54	2,88	4,77
Total	34.129	32.539	1.590	849.515	-	-	-	-

Fonte: Censo IBGE 2010

A Tabela 8 mostra detalhadamente o número de imigrantes e emigrantes intra-regionais, ou seja, aqueles que migraram entre os nove municípios da Região Norte Fluminense. o saldo migratório, a população residente no período, além da taxa de imigração e emigração, juntamente com a taxa líquida de migração, por município da região Norte Fluminense, para o período 2000-2010.

Primeiramente, podemos ver que os municípios que mais se destacaram positivamente na recepção de indivíduos foram Macaé, com 15.942, Campos dos Goytacazes, com 7.843 e bem atrás São João da Barra, com 2.393 imigrantes.

Pode se observar também na tabela que, dos dois municípios estudados neste trabalho, Macaé tem saldo migratório positivo, pois com 11.146 indivíduos que deixaram o município, tem o maior saldo da região, com o indicador apontando para 4.796 com uma população de 206.728 habitantes. Sua taxa líquida de migração aponta para 7,71%, com 5,39 de taxa de emigração e no total, 2,32 de taxa líquida de migração, apontando inversamente como sendo uma das menores dentro os municípios do Norte Fluminense.

Por sua vez, apesar de ser o segundo município em número de imigrantes, Campos dos Goytacazes se destaca negativamente no indicador de emigração, onde seus números

apontam para 15.311 pessoas que deixaram o município, quase o dobro do número de indivíduos que chegaram, visto que seu saldo migratório é negativo em -7.468 habitantes. Apesar de ser o maior município, tem a menor taxa de imigração, com 1,69 e taxa de emigração de 3,30, o que reflete conjuntamente com o número de pessoas que entraram e saíram do município, tendo também a menor taxa líquida de migração com -1,61.

Em uma análise geral, podemos ver que o município de Carapebus, que possui a menor população, tem um dos maiores saldos migratórios, com 1.278, e a maior taxa de imigração com 12,10, o que aponta o crescimento do município em relação aos demais.

Destacam-se também como um dos grandes receptores de indivíduos e grande taxa de migração, São João da Barra, município vizinho a Campos e que abriga o complexo do Porto do Açu, que sem dúvidas colaborou com o crescimento não só populacional, mas também economicamente, onde sua taxa líquida de migração é de 4,77.

Visto um panorama geral dos nove municípios que integram a região Norte Fluminense, onde foi possível analisar sua população, taxa de crescimento e saldo migratório, iremos trabalhar a partir de agora no desenvolvimento desta pesquisa com os municípios de Campos e Macaé, selecionados não apenas por seu tamanho populacional e importância econômica, mas também como os que mais se destacam na atração de imigrantes não só na região, mas também em todo o estado, o que os tornou um dos grandes polos de imigração fluminense.

5. ANÁLISE DO PERFIL DEMOGRÁFICO E SOCIOECONÔMICO DOS IMIGRANTES EM CAMPOS DOS GOYTACAZES E MACAÉ

Tabela 9: Municípios selecionados – Nasceu neste município? (2010)

Município	Sim e sempre morou	%	Sim, mas morou em outro lugar	%	Não	%	Total	%
Campos dos Goytacazes	392.282	84,6	18.021	3,9	53.428	11,5	463.731	69,2
Macaé	101.537	49,1	5.770	2,8	99.420	48,1	206.727	30,8
Total	493.819	73,7	23.791	3,5	152.848	23	670.458	100

Fonte: IBGE Censo 2010

Para se mensurar os não migrantes e os migrantes de retorno, foram perguntados aos indivíduos se eles eram naturais ou não daquele município e se já moraram em outro lugar. Dos 463.731 habitantes de Campos dos Goytacazes, 84,6% da população, ou seja, 392.282 habitantes nasceram e sempre moraram na cidade, 18.021 nasceram, mas já moraram em outro lugar, os chamados imigrantes de retorno, e 53.428 não nasceram no respectivo município selecionado.

A cidade de Macaé, com 206.727 habitantes, tem 101.537 habitantes que nasceram e sempre moraram na cidade, 5.770 que nasceram, mas moraram em outro lugar e 99.420 que nasceram em outro lugar.

Ao todo, dos 670.458 habitantes das duas cidades juntas, 73,65% nasceram nas cidades que residem hoje. 3,55% nasceram, mas já moraram em outro lugar e 22,8% não nasceram nem em Campos dos Goytacazes, nem em Macaé.

Tabela 10: Municípios selecionados – Mesorregião de residência anterior (2010)

Mesorregião	Município				Total	%
	Campos dos Goytacazes	%	Macaé	%		
Noroeste	1735	9,9	3000	9,3	4735	9,5
Norte	4650	26,6	8418	26,2	13068	26,4
Centro	335	1,9	1645	5,1	1980	4
Baixadas	1917	11	3045	9,5	4962	10
Sul	299	1,7	880	2,7	1179	2,4
Metropolitana	8547	48,9	15118	47,1	23665	47,7
Total	17483	100	32106	100	49589	100

Fonte: IBGE Censo 2010

Interessante perceber que o Norte Fluminense recebeu imigrantes de todas as mesorregiões do estado. Como mostra a tabela 10, 49.589 indivíduos migraram para a região,

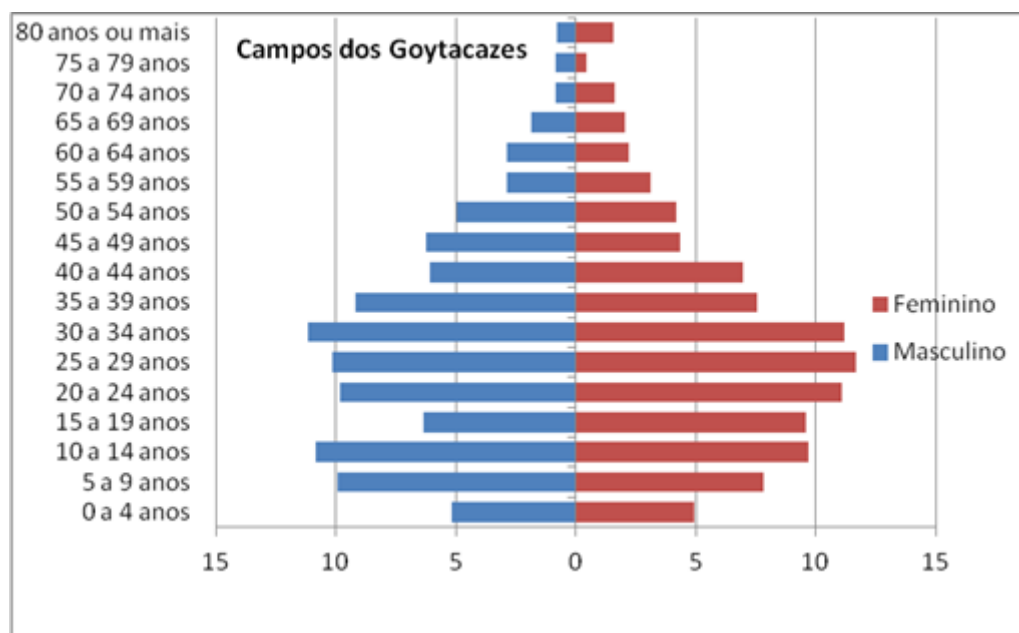
onde se destacam como principal Meso de origem a região Metropolitana, de onde saíram 8.547 pessoas rumo a Campos dos Goytacazes e 15.118 com destino a Macaé. Da região Noroeste, Campos recebeu 1.735 pessoas, enquanto 3000 foram para Macaé. Dos migrantes que se mudaram dentro da própria região, 4.650 tiveram Campos como destino e 3.068 migraram à Macaé. Das Baixadas Litorâneas, outra mesorregião que cresceu nos últimos anos, 1.970 partiram para Campos e 3.045 para Macaé. A mesorregião Sul fluminense foi a que menos teve imigrantes com destino ao Norte. Apenas 1.179, com 299 indo para Campos e 880 para Macaé.

No total, Campos recebeu 17.483 imigrantes e Macaé 32.106 dentre os movimentos envolvendo mudanças dentro do próprio Estado.

Entre as classificações de perfil dos imigrantes, é também de suma importância classificar a faixa etária dos mesmos, pois com estes dados também é possível se analisar a quantidade de crianças, jovens, adultos e idosos que fazem parte da população campista e macaense como um todo.

Os gráficos 1 e 2 nos mostram as faixas etárias dos imigrantes correspondentes ao Censo de 2010, dividido por grupos etários quinquenais, o que facilita de forma mais organizada a leitura dos dados.

Gráfico 1: Campos dos Goytacazes – Estrutura Etária dos Imigrantes (2010)



Fonte: IBGE – Censo Demográfico de 2010

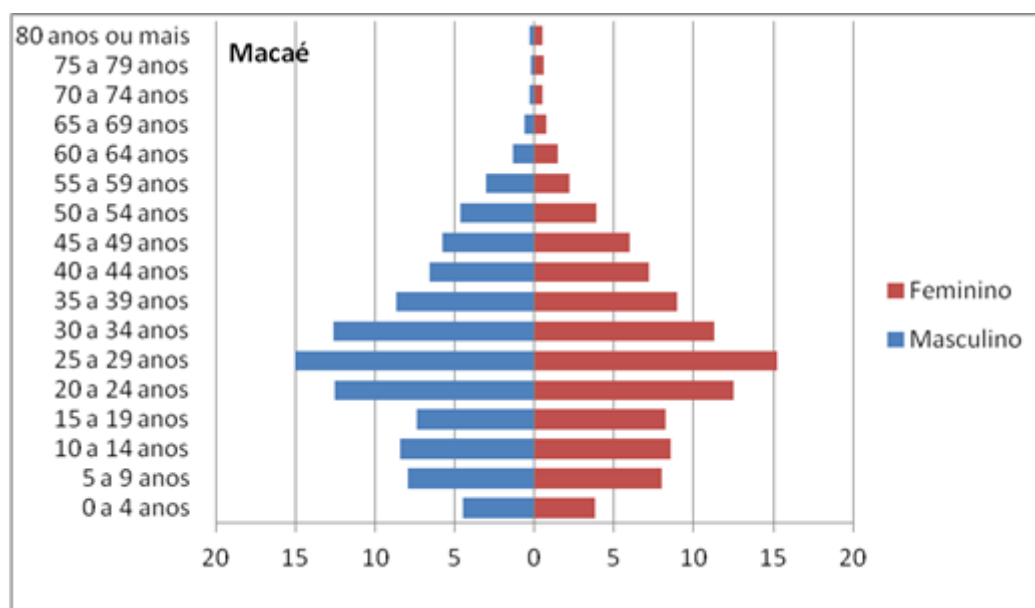
Analisando cada município, vemos que em Campos predominam mais o sexo feminino, com 9.338 mulheres imigrantes, sendo as faixas entre 25 e 29 anos a mais

predominante, com 1090 mulheres e com as mulheres entre 20 e 24 e 30 e 34 tendo um percentual praticamente igual, com 1035 e 1043, respectivamente. O que se pode concluir que a maioria do sexo feminino está representada na faixa adulta, entre 20 e 34 e juntas somam 11.416 mulheres, que representam 3.168, ou seja, 34% do gênero feminino. As mulheres entre 75 a 79 apresentaram menor número, com apenas 42 pessoas, ou seja, 0,45%.

No sexo masculino, os homens entre 30 e 34 são a maioria da população imigrante, com 917 indivíduos, o que representa, num total de 8196 homens, 11,18%. Porém, a faixa etária masculina é predominantemente entre a faixa adulta de 20 a 34 anos, o que engloba também os jovens, que de acordo com o IBGE são considerados entre as faixas de 15 a 29 que entre os imigrantes representam 42,68% dos imigrantes. Os idosos de 70 anos ou mais são a menor parcela representada, com 2,45 %.

De modo geral, observa-se que entre os indivíduos que migraram para Campos dos Goytacazes, 8.196 são do sexo masculino, 9338 do sexo feminino, num total de 17.537 pessoas, que representam 46,73% e 53,25%, respectivamente. As mulheres adultas são maioria, na faixa entre 25 e 29 anos, representando 6,22% de toda população imigrante, contemplando homens e mulheres. Dentre os homens, há também predominância da faixa adulta, mas com homens mais novos, entre 30 e 34 anos representando 5,23% do total de imigrantes.

Gráfico 2: Macaé – Estrutura Etária dos Imigrantes (2010)



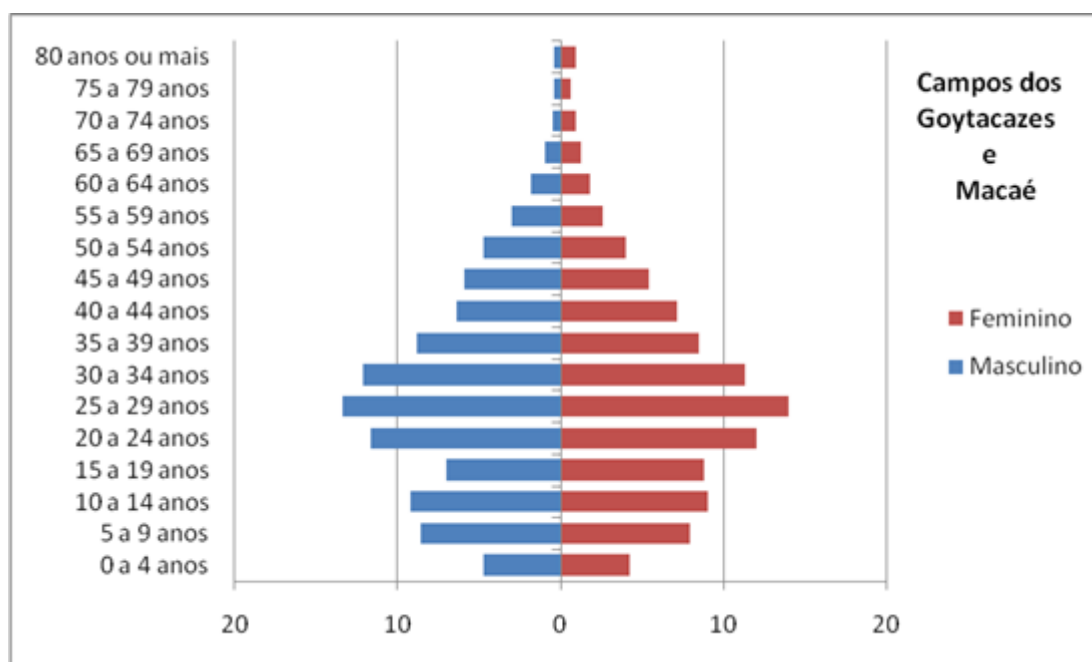
Fonte: IBGE – Censo Demográfico de 2010

No município de Macaé, o número de imigrantes é maior. São ao todo 32.337 indivíduos, quase o dobro do total de imigrantes de Campos dos Goytacazes. O município é também o que mais atraiu na Região Norte Fluminense.

O gráfico 2 mostra que, entre os homens, a maioria adulta, representa a maioria entre os imigrantes. Jovens e adultos entre 20 e 34 anos são a maioria, representados por 6.537 indivíduos, que formam 40,2% dos imigrantes. A faixa menos representada é a de idosos que, assim como Campos, tem índice baixo. Macaé registrou que entre os idosos acima de 65 anos representam apenas 1,44% da população masculina e 0,72% do total, contemplando homens e mulheres.

Para o sexo feminino, o Censo registrou que mulheres entre 20 e 29 anos representam 27,9% do gênero, e 13,8% como um todo. A população masculina e feminina de Macaé encontra-se em número praticamente idêntico, visto que são registrados 16.264 homens e 16.073 mulheres. A faixa etária que apresentou menor número foi os idosos a partir de 70 anos, com menos de 1%.

Gráfico 3: Municípios selecionados-Estrutura Etária dos Imigrantes (2010)



Fonte: IBGE – Censo Demográfico de 2010

Primeiramente, pode se observar que tanto em Campos quanto em Macaé, a faixa etária que mais predomina é a dos adultos, entre 20 e 44 anos, ao todo, contemplando os sexos masculino e feminino. Por sua vez, o grupo de 80 anos ou mais é o de menor representação em ambos os municípios, somando 345 ao todo, também entre homens e mulheres, confirmando assim a teoria de Raveinsten (1885), de que os jovens migram mais que os idosos, e o maior predomínio é entre as mulheres, sendo estas em curtas distâncias.

Assim, chega-se a conclusão que, dentre a faixa etária dos imigrantes que tiveram como destino Campos dos Goytacazes e Macaé, a maioria prevalente está na faixa entre 25 e 29 anos, tanto para homens quanto para mulheres, com 6.824 pessoas, que representam 13,7% dos imigrantes. Também é possível concluir que a maioria está entre jovens e adultos, na faixa entre 20 e 39 anos, somando 22.860 pessoas, ou seja, 45,9% dos imigrantes. A população idosa, contabilizada a faixa acima de 65 anos, chega a 1.505 pessoas, representando a parcela de 3% do total de pessoas.

Tabela 11: Campos dos Goytacazes – Nível de Instrução (2010)

Nível de instrução		Sexo				Total	%
		Masculino	%	Feminino	%		
Campos dos Goytacazes	Sem instrução e fundamental incompleto	3905	47,6	4404	47,2	8309	47,4
	Fundamental completo e médio incompleto	1130	13,8	1280	13,7	2410	13,7
	Médio completo e superior incompleto	2131	26	2484	26,6	4615	26,3
	Superior completo	994	12,1	1148	12,3	2142	12,2
	Não determinado	37	0,5	21	0,2	58	0,3
	Total	8197	100	9337	100	17534	100

Fonte: IBGE – Censo Demográfico de 2010

Em campos dos Goytacazes, a maioria dos imigrantes homens é classificada como “sem instrução e com ensino fundamental incompleto”, contabilizado estes em 3.905 do sexo masculino. Em seguida, aparecem os homens com “Ensino médio completo e superior incompleto”, com 2.131. “Fundamental completo e médio incompleto” vem logo após, com 1.130 homens. A minoria, 994, tem “superior completo”, e 37 não foram determinados. Pode se então concluir que em Campos dos Goytacazes, a maioria dos homens que migram para o município eram sem instrução e com ensino fundamental incompleto, o que corresponde a 47,6% do sexo masculino.

O índice entre as mulheres também é similar, porém com números mais elevados. 47,2% delas são classificadas como “sem instrução e ensino superior incompleto”, seguidas por mulheres com o ensino “médio completo e superior incompleto”, que correspondem a 26,6%. 1.148 possuem ensino superior e 21 não foram determinados, o que nos levar a concluir que, do mesmo modo que o sexo masculino, o sexo feminino também possui primeiramente indivíduos com baixo grau de instrução, e logo após poucos com ensino médio completo ou com curso de ensino superior.

Tabela 12: Macaé- Nível de Instrução (2010)

Nível de instrução		Sexo				Total	%
		Masculino	%	Feminino	%		
Macaé	Sem instrução e fundamental incompleto	6723	41,3	6955	43,3	13678	42,3
	Fundamental completo e médio incompleto	2709	16,7	2646	16,5	5355	16,6
	Médio completo e superior incompleto	5145	31,6	4624	28,8	9769	30,2
	Superior completo	1559	9,6	1729	10,8	3288	10,2
	Não determinado	129	0,8	118	0,7	247	0,8
	Total	16265	100	16072	100	32337	100,0

Fonte: IBGE Censo 2010

Em Macaé, a maioria dos homens também não possui instrução e tem ensino fundamental incompleto, sendo estes no total de 6.723, e em seguida os que possuem ensino médio completo e superior incompleto, 5.145. Os homens com ensino superior completo são 1.559, estimativa abaixo dos que possuem ensino médio completo e superior incompleto: 2709.

Ao se analisar o grau de instrução das mulheres nota-se que há uma superioridade do sexo masculino com relação às mulheres sem instrução e com ensino fundamental incompleto, porém este nível também é o que predomina no sexo feminino, correspondendo a 43,3% delas. Logo após, vem às mulheres com ensino “médio completo e superior incompleto”, 28,8% e mulheres que possuem ensino superior são 10.8% da população feminina imigrante.

Tabela 13: Municípios selecionados-Nível de Instrução (2010)

Nível de instrução		Sexo				Total	%
		Masculino	%	Feminino	%		
Total	Sem instrução e fundamental incompleto	10628	43,4	11359	44,7	21987	44,1
	Fundamental completo e médio incompleto	3839	15,7	3926	15,5	7765	15,6
	Médio completo e superior incompleto	7276	29,7	7108	28,0	14384	28,8
	Superior completo	2553	10,4	2877	11,3	5430	10,9
	Não determinado	166	0,7	139	0,5	305	0,6
	Total	24462	100	25409	100	49871	100

Fonte: IBGE Censo 2010

Pode-se perceber na Tabela 13 que nos dois municípios, a maioria tanto de homens quanto de mulheres é de pessoas sem instrução ou com ensino superior incompleto, que correspondem à parcela de 44,1% destes, o que nos leva a pensar que, em relação a mercado de trabalho, suas funções seriam de nível inferior, devido à falta de conhecimento, caso se trate de pessoas com idade economicamente ativas.

No que corresponde a pessoas que já estejam, ou estiveram, acesso a curso superior (contabilizando os níveis de escolaridade “médio completo e superior incompleto” e “superior completo”), tanto homens quanto mulheres apresentaram índices tecnicamente iguais aos primeiros citados no parágrafo acima em seus respectivos sexos, o que leva estas pessoas a corresponderem a 44,4% dentre eles.

Entrando agora no fator socioeconômico dos imigrantes, veremos a relação deles com o fator emprego-salário, para mensuramos o grau de atividade em que os imigrantes estão instalados no município, qual o rendimento financeiro destes e também quantos estão ativos economicamente, assim como a ocupação principal no trabalho e quantos destes trabalham fora do município. A tabela 13 nos traz o parâmetro entre homens e mulheres dos dois municípios que estavam ou não em condições economicamente ativas.

Tabela 14: Municípios selecionados- Condição de atividades na semana de referência (2010)

Condição de atividade na semana de referência		Sexo				Total	%
		Masculino	%	Feminino	%		
Campos dos Goytacazes	Economicamente ativas	4788	68,8	3867	47,4	8655	57,3
	Não economicamente ativas	2167	31,2	4284	52,6	6451	42,7
	Total	6955	100	8151	100	15106	100
Macaé	Economicamente ativas	11322	79,5	8284	58,5	19606	69,0
	Não economicamente ativas	2923	20,5	5886	41,5	8809	31,0
	Total	14245	100	14170	100	28415	100
Total	Economicamente ativas	16110	76,0	12151	54,4	28261	64,9
	Não economicamente ativas	5090	24,0	10170	45,6	15260	35,1
	Total	21200	100	22321	100	43521	100

Fonte: IBGE Censo 2010

Em Campos dos Goytacazes, do total dos entrevistados que possuíam idade para estar em condições de atividade, ou seja, 15.106 indivíduos, a maioria dos homens estava em situação economicamente ativa, ou seja, possuíam entre 15 e 64 anos, segundo o IBGE, e condições para exercendo trabalho, sendo estes correspondendo a 68,9% do gênero entrevistado. As mulheres tiveram resultado inverso, com a maioria delas não exercendo nenhum tipo de trabalho remunerado que ativas, 47,4% delas estavam em plena atividade de trabalho e 52,5 não se encontravam economicamente ativas.

Em Macaé, tanto homens quanto mulheres estavam, em sua maioria, em atividade economicamente. Enquanto o sexo masculino correspondia a 79,4% destes, o sexo feminino registrava 58,5% destas.

Em suma, contabilizando os números dos dois municípios, 76% dos homens e 54% das mulheres se encontravam em situação economicamente ativas, ou seja, exercendo atividades de trabalho remuneradas.

E em se tratando de atividades de emprego e a rotina que estes indivíduos têm diariamente, verificou-se também a importância em se analisar quais as principais ocupações que estes migrantes exercem no mercado de trabalho. A tabela 15 nos mostra as principais ocupações destes imigrantes e como pode se analisar, os imigrantes exercem funções nas mais diversas áreas, visto a distribuição espacial do mercado de trabalho nos municípios.

Tabela 15: Campos dos Goytacazes - Ocupação principal dos Imigrantes (2010)

OCUPAÇÃO		SEXO				Total
		MASC	%	FEM	%	
Campos dos Goytacazes	DIRETORES E GERENTES	217	5,4	90	2,9	307
	PROFISSIONAIS DA CIÊNCIA E INTELLECTUAIS	545	13,5	811	26,6	1356
	TÉCNICOS E PROFISSIONAIS DE NÍVEL MÉDIO	589	14,6	230	7,5	819
	TRABALHADORES DE APOIO ADMINISRATIVO	244	6,0	366	12,0	610
	TRABALHADORES DOS SERVIÇOS, VENDEDORES DOS COMÉRCIOS E MERCADOS	626	15,5	851	27,9	1477
	TRABALHADORES QUALIFICADOS DA AGROPECUÁRIA, FLORESTAIS, DA CAÇA E DA PESCA	116	2,9	11	0,4	127
	TRABALHADORES QUALIFICADOS, OPERÁRIOS E ARTESÃOS DA CONSTRUÇÃO, DAS ARTES MECÂNICAS E OUTROS OFÍCIOS	855	21,1	43	1,4	898
	OPERADORES DE INSTALAÇÕES E MÁQUINAS E MONTADORES	377	9,3	124	4,1	501
	OCUPAÇÕES ELEMENTARES	384	9,5	527	17,3	911
	MEMBROS DAS FORÇAS ARMADAS, POLICIAIS E BOMBEIROS MILITARES	91	2,3	0,0	0,0	91
	TOTAL	4044	100	3053	100	7097

Fonte: IBGE Censo 2010

Em Campos dos Goytacazes, das consideradas grandes ocupações de nível hierárquico no mercado, apenas 5,3% dos homes e 2,9% das mulheres ocupavam a função de diretores e gerentes na organização em que trabalhavam.

Em sua maioria, o sexo masculino predomina ocupando cargos nos setores classificados como “trabalhadores qualificados, operários e artesãos da construção, das artes mecânicas e outros ofícios”, ou seja, na construção civil e outros similares, correspondendo a 21% deles. Em seguida, vem à ocupação no que é classificado como “trabalhadores dos serviços, vendedores de comércio e mercados” com 15,5%. Os membros das forças armadas, policiais e bombeiros militares são as menores ocupações entre os homens, correspondendo a 2,3% dos indivíduos do sexo masculino.

Dentre as mulheres, diferente dos homens, predominam as ocupações em “trabalhadores dos serviços, vendedores do comércio e mercados”, ou seja, funções que lidam em sua maioria diretamente com o público, como vendedoras, caixas, atendentes, trabalham em prestação de serviços, etc., que envolvem 27,9 das mulheres. Em seguida, vem à ocupação “profissionais da ciência e intelectuais”, que abrangem profissões como professora, auxiliares de educação, técnicas, entre outras. Estas correspondem a 26,6%. Não existem mulheres que serviam as forças militares, porém foram identificadas também com baixo índice as ocupações de “trabalhadores qualificados, operários e artesãos da construção, das artes mecânicas e outros ofícios, com 1,4% das mulheres nessa representação.

Tabela 16: Macaé - Ocupação principal dos Imigrantes (2010)

OCUPAÇÃO		SEXO				Total
		MASC	%	FEM	%	
Macaé	DIRETORES E GERENTES	445	4,6	225	3,3	670
	PROFISSIONAIS DA CIÊNCIA E INTELLECTUAIS	933	9,6	1193	17,6	2126
	TÉCNICOS E PROFISSIONAIS DE NÍVEL MÉDIO	1301	13,4	463	6,8	1764
	TRABALHADORES DE APOIO ADMINISTRATIVO	617	6,3	1149	17,0	1766
	TRABALHADORES DOS SERVIÇOS, VENDEDORES DOS COMÉRCIOS E MERCADOS	1647	16,9	2220	32,8	3867
	TRABALHADORES QUALIFICADOS DA AGROPECUÁRIA, FLORESTAIS, DA CAÇA E DA PESCA	62	0,6	25	0,4	87
	TRABALHADORES QUALIFICADOS, OPERÁRIOS E ARTESÃOS DA CONSTRUÇÃO, DAS ARTES MECÂNICAS E OUTROS OFÍCIOS	2333	24,0	104	1,5	2437
	OPERADORES DE INSTALAÇÕES E MÁQUINAS E MONTADORES	1067	11,0	115	1,7	1182
	OCUPAÇÕES ELEMENTARES	1253	12,9	1267	18,7	2520
	MEMBROS DAS FORÇAS ARMADAS, POLICIAIS E BOMBEIROS MILITARES	73	0,8	0,0	0,0	73
	TOTAL	9731	100	6761	100	16492

Fonte: IBGE Censo 2010

Percebe-se em Macaé uma forte atração de trabalho para o sexo masculino no setor operário, de construção, mecânica e outros ofícios, predominando também o comércio e as operações de instalações de máquinas e montadoras. As mulheres predominam nas atividades de comércio e mercado, atuando também como profissionais da ciência (professores, por exemplo) e ocupações elementares.

Tabela 17: Municípios selecionados - Ocupação principal dos Imigrantes (2010)

OCUPAÇÃO		SEXO				Total
		MASC	%	FEM	%	
Total	DIRETORES E GERENTES	662	4,8	315	3,2	977
	PROFISSIONAIS DA CIÊNCIA E INTELLECTUAIS	1478	10,7	2004	20,4	3482
	TÉCNICOS E PROFISSIONAIS DE NÍVEL MÉDIO	1890	13,7	693	7,1	2583
	TRABALHADORES DE APOIO ADMINISTRATIVO	861	6,3	1515	15,4	2376
	TRABALHADORES DOS SERVIÇOS, VENDEDORES DOS COMÉRCIOS E MERCADOS	2273	16,5	3071	31,3	5344
	TRABALHADORES QUALIFICADOS DA AGROPECUÁRIA, FLORESTAIS, DA CAÇA E DA PESCA	178	1,3	36	0,4	214
	TRABALHADORES QUALIFICADOS, OPERÁRIOS E ARTESÃOS DA CONSTRUÇÃO, DAS ARTES MECÂNICAS E OUTROS OFÍCIOS	3188	23,1	147	1,5	3335
	OPERADORES DE INSTALAÇÕES E MÁQUINAS E MONTADORES	1444	10,5	239	2,4	1683
	OCUPAÇÕES ELEMENTARES	1637	11,9	1794	18,3	3431
	MEMBROS DAS FORÇAS ARMADAS, POLICIAIS E BOMBEIROS MILITARES	164	1,2	0	0,0	164
	TOTAL	13775	100	9814	100	23589

Fonte: IBGE Censo 2010

Segundo Raveinstein (1985), ao se referir às Leis de Migração, dentro da seletividade do fator trabalho, a maioria dos homens migra mais para os centros de mineração e carvão e ferro, indústria, mecânica dentre outros similares, e as mulheres migram com destino à procura de empregos domésticos, além de lojas, comércio e fábricas.

O panorama entre os municípios selecionados é similar ao que registra o teórico, visto que 23,1% dos homens exercem cargos qualificados como “trabalhadores qualificados, operários e artesãos da construção, das artes mecânicas e outros ofícios”, 16,5% são “trabalhadores dos serviços, vendedores dos comércios e mercados” e 13,7% dos imigrantes masculinos são “técnicos e profissionais de nível médio”.

Dentre as mulheres, prevalecem as “trabalhadoras dos serviços, vendedores dos comércios e mercados” com %, seguidas pelas “profissionais da ciência e intelectuais”, com 20,4% e “trabalhadores de apoio administrativo”, ocupando a margem de 15,4% do sexo feminino.

Souza, Terra e Campos (2012, p.11) verificaram a importância de se analisar, primeiramente, a qualidade da mão de obra que está inserida no mercado de trabalho e como metodologia para verificar este item, os indicadores de escolaridade. Nesta pesquisa, foram considerados apenas os indivíduos com 15 anos ou mais, devido a esta ser a idade considerada economicamente ativa para o mercado de trabalho.

Tabela 18: Municípios selecionados – índice de analfabetismo dos Imigrantes (2010)

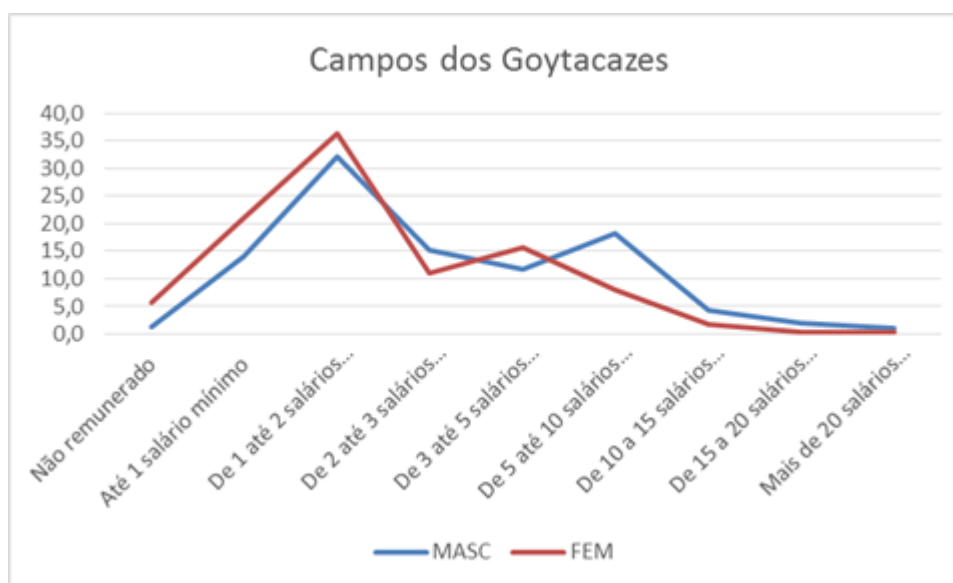
Sabe ler e escrever	Campos dos Goytacazes				
	Masculino		Feminino		% Alfabetizados
Sim	5816	95,8	6997	96,6	96%
Não	252	4,2	248	3,4	
Total	6068	100	7245	100	
Sabe ler e escrever	Macaé				
	Masculino		Feminino		% Alfabetizados
Sim	12588	97,7	12488	97,6	98%
Não	291	2,3	305	2,4	
Total	12879	100	12793	100	
Sabe ler e escrever	Municípios selecionados				
	Masculino		Feminino		% Alfabetizados
Sim	18404	97,1	19485	97,2	97,1
Não	543	2,9	553	2,8	
Total	18947	100	20038	100	

Fonte: IBGE – Censo Demográfico de 2010.

A tabela 18 traz os índices de analfabetismo dos municípios selecionados, por sexo e taxa relativa, e nos permite comparar a diferença que há entre os imigrantes masculinos e femininos e também o total predominante nestes lugares. Como pode ser observado, o índice de analfabetismo é de menos de 3%.

A taxa de alfabetização é mais elevada em Macaé, se comparada a Campos dos Goytacazes, porém ambos se destacam nessa variável, visto que alcançam mais de 96% de alfabetizados. Nota-se então, que a maioria entre os alfabetizados corresponde ao sexo feminino, mas com diferença mínima entre ambos os sexos, o que nos faz concluir que o índice de analfabetismo é baixo e que os imigrantes sabem, pelo menos, ler e escrever seu próprio nome e, com relação ao mercado de trabalho e mão de obra, tem requisitos mínimos para estar inserido num meio em que se exige o mínimo de qualificação.

Gráfico 4: Campos dos Goytacazes – Rendimento total dos Imigrantes em Salários Mínimos (2010)



Fonte: IBGE – Censo Demográfico de 2010.

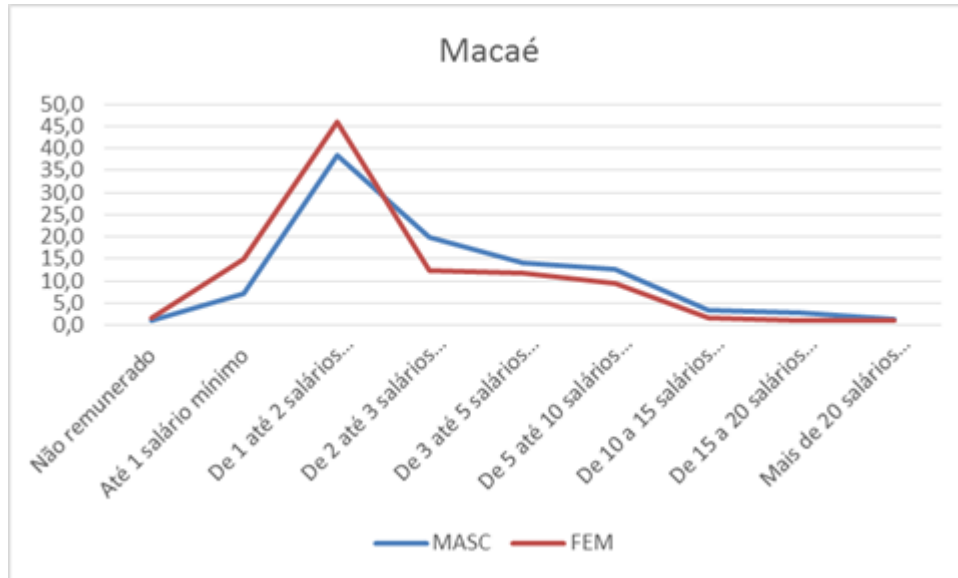
Um dos determinantes de grande importância nesta pesquisa, e que revela o rendimento bruto das famílias e como é distribuída a renda. A variável de rendimento total por salário mínimo ajuda a mensurar o fator socioeconômico dos imigrantes.

Após analisarmos as variáveis de sexo, idade, escolaridade, ocupação principal, dentre outros, é essencial a análise de renda dos imigrantes, pois, apesar de não termos os dados do quanto estes ganhavam em seus antigos ofícios nas cidades de origem, ou anterior a que moravam antes da mudança para as cidades pesquisadas, uma das contribuições e atrativos para que haja este movimento é o custo e benefício encontrado com as despesas e custos de vida.

Primeiramente, podemos observar que em Campos dos Goytacazes, os imigrantes de ambos os sexos recebiam de um a dois salários mínimos (ressalta-se aqui que à época o salário mínimo era de 510 (quinhentos e dez reais). Dos 4.145 homens, 32,2% e dentre as 2.677 mulheres, 36,4% recebiam entre R\$ 510,00 e R\$ 1.020,00. Inversamente, os maiores rendimentos, aqueles que ganhavam acima de 20 salários mínimos, correspondiam a menor parcela de ambos os sexos. Apenas 1% dos homens e 0,3% das mulheres ganhavam mais de 20 salários mínimos e 1,9% dos homens e 0,4% das mulheres ganhavam 15 e 20 salários mínimos. Interessante observar no gráfico 5, que os cargos de diretores e gerentes e profissionais da ciência e intelectuais, que teoricamente correspondem a profissões mais bem

remuneradas, também correspondem a um baixo índice de imigrantes que ocupam estas vagas, o que pode ser ligado entre os fatores econômicos, de altos cargos e maiores salários.

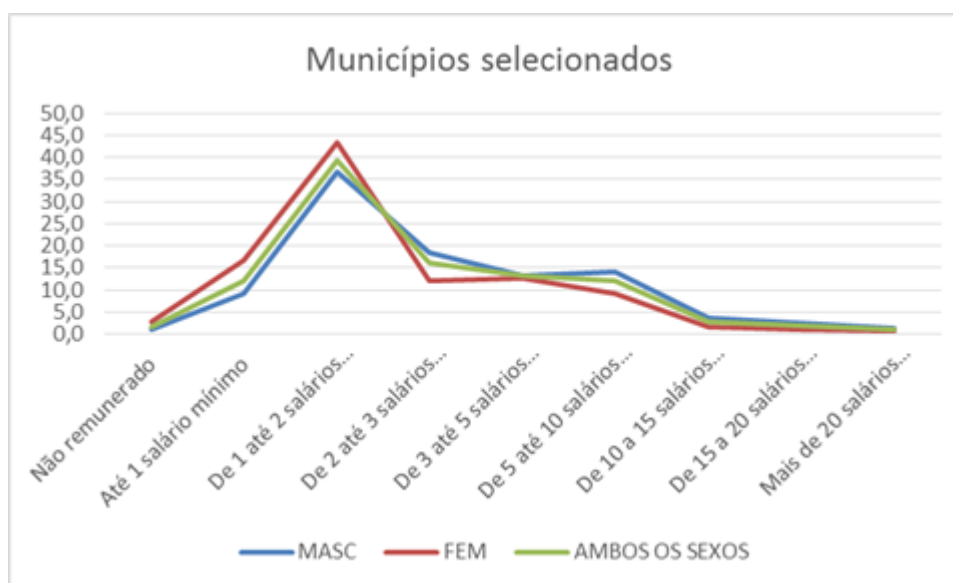
Gráfico 5: Macaé – Rendimento total dos Imigrantes em Salários Mínimos (2010)



Fonte: IBGE – Censo Demográfico de 2010.

Em Macaé também se notou a mesma distribuição salarial que em Campos dos Goytacazes, com a maioria entre ambos os sexos com renda entre um e dois salários mínimos. 34,8% dos homens e 46,2% das mulheres recebem entre R\$ 510,00 e R\$ 1.020,00. Dentre os maiores salários, percebeu-se que apenas 2,7% dos homens e 1,1% das mulheres recebem entre 15 a 20 salários mínimos, e 1,4% dos homens e 1,5% das mulheres recebem mais de 20 salários mínimos.

Gráfico 6: Municípios selecionados – Rendimento total dos Imigrantes em Salários Mínimos (2010)



Fonte: IBGE – Censo Demográfico de 2010.

Analisando ambos os municípios no que diz respeito a rendimento total dos imigrantes, percebe-se que apesar da diferença do número total de trabalhadores homens ser bem superior a de mulheres (63,52%), relativamente, se comparada à distribuição entre os sexos, tanto homens quanto mulheres dentro de suas faixas correspondem ao mesmo ganho em sua maioria.

13,7% dos imigrantes, contabilizando-se homens e mulheres, recebem de zero a até um salário mínimo, enquanto 55,3%, ou seja, a maioria dos imigrantes recebe entre um e dois salários mínimos. Os altos salários correspondem a menor parte, com 2,8% recebendo entre 10 a 15 salários; 1,9% recebendo entre 15 a 20 salários e 1,1% recebendo mais de vinte salários mínimos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visto que a migração em direção a região Norte é basicamente em função do motivo “trabalho”, e que Campos dos Goytacazes e Macaé são cidades identificadas como dependentes de mão de obra exógena, o que atrai imigrantes que tem como principal fator de mudança a busca por trabalho e renda, entende-se que compreender os mecanismos de seleção destes dois municípios é de fundamental importância para a elaboração de políticas públicas migratórias no sentido de promover uma melhor inserção no mercado de trabalho.

Além disso, este trabalho teve como finalidade analisar as características demográficas e socioeconômicas do imigrante de campos dos Goytacazes e Macaé, trazendo algumas de suas características de seleção, como sexo, faixa etária, nível de instrução ocupação e renda, pois a literatura mostra uma forte associação entre migração, sexo, idade, escolaridade, rendimento e situação de domicílio que influenciam na seleção de indivíduos. Através destes, foi possível mensurar o perfil do imigrante que foi atraído para estes municípios na última década, podendo ter a percepção do quanto estes têm participação relativa na população local.

Também foram analisadas as populações das mesorregiões e seus indicadores, taxa de crescimento e sua participação no estado do rio de Janeiro, assim como das maiores regiões metropolitanas do país no espaço territorial nacional.

À luz da literatura, teóricos que introduziram ao assunto, auxiliando na análise destes imigrantes e no processo de atração e, retenção e expulsão populacional, onde se pode perceber, através das características das leis de Migração, por exemplo, como os municípios polos do norte Fluminense se assemelham a estas teorias, no que diz respeito o perfil de imigrantes que se deslocam aos centros urbanos onde há maior oferta de trabalho, oportunidades de melhora na qualidade de vida e acesso a serviços.

O que foi possível observar, é que nestes municípios, o perfil do imigrante é em sua maioria jovem, entre 25 e 34 anos, e com predomínio entre as mulheres. O índice de analfabetismo é baixo, o que é relativamente positivo em se tratando de mensurar a qualidade da mão de obra ofertada, e nível de instrução é em média de pessoas com nível fundamental incompleto e de pessoas com ensino médio completo. Com relação à ocupação no mercado de trabalho, se destacam as áreas de trabalhos operacionais, mecânicos, industriais; serviços,

comércio e ocupações elementares, entre ambos os sexos, também com rendimento de um a dois salários mínimos.

Sem dúvidas, o grande investimento petrolífero feito nas duas cidades gerou crescimento, da parte de Macaé, e atração populacional, em ambos os municípios, impulsionando também o setor imobiliário e expandindo a população para os municípios em seu entorno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRITO, F. **MINAS Gerais, uma nova região de atração populacional**. In.: Santo Antônio de Paula. (Org.). 20 anos de seminário de economia mineira. 1ed. Belo Horizonte. BDMG, 2002, v.3. p. 239-263
- CAMPOS. M.B. **Seletividade e Migração**. In Bruno, Miguel. (Org.). População, espaço e sustentabilidade. Contribuições para o desenvolvimento do Brasil. 1ed. Rio de Janeiro. IBGE, 2015, v., p. 187-202.
- CARVALHO, J.A.M ; RIGOTTI, J.I.R. **Os dados censitários brasileiros sobre migrações internas: algumas sugestões para análise**. In: XI Encontro Nacional dos Estudos Populacionais, 1998, Caxambu. Anais XI Encontro Nacional dos Estudos Populacionais. Campinas: ABEP, 1998. V. 1. P. 339-356.
- CARVALHO, J.A.M. MAGALHÃES, M.V. GARCIA, RICARDO ALEXANDRINO; SOARES, W. **Estimativa dos saldos migratórios internacionais e do número de migrantes internacionais das grandes regiões do Brasil. 1986/1991 e 1991/1996**. Migrações internacionais. Contribuições para políticas, Brasília, p. 243-252.
- CARVALHO, J.A.M. **O significado das matrizes de migrantes de última etapa, de migrantes de data fixa e da matriz-diferença entre migrantes de última etapa e data fixa**. 1999. (Apresentação de trabalho/outra).
- CASTELLO BRANCO, M; L; MOURA, R.; FIRKOVSKI, O. **Movimento pendular: abordagens teóricas e reflexões acerca do indicador**. In.: XI Encontro Nacional da ANPUR, 2005. Salvador. Anais do XI Encontro Nacional da AMPUR, 2005.
- IINFOROYALTIES- Indicadores. Disponível em:
<https://inforoyalties.ucam-campos.br/informativo.php^>. Acessado em 16 de maio de 2017
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico – 1991,2000 e 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000 e 2010.
- LEE, E. S. (1966). **Uma teoria sobre a migração**. In: MOURA, H. A. (org.) Migração interna, textos selecionados. Fortaleza, BNB/ENTENE, 1980, p. 89-114, 722p.
- MARTINE, George. **Adaptação dos imigrantes ou sobrevivência dos mais fortes?** In.: Hélio Moura. (Org.). Migração interna. Textos selecionados. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1980, v., p 949-974.
- RAVENSTEIN, E. G. (1885). **As leis das migrações**. In: MOURA, H. A. (org.) Migração interna, textos selecionados. Fortaleza, BNB/ENTENE, 1980, p. 25-88, 722p.
- SANTOS, M.A. **Migração: uma revisão sobre algumas das principais teorias**. Mauro Augusto dos Santos; Alisson Flávio Barbieri; José Alberto Magno de Carvalho; Carla Jorge Machado. – Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2010.
- SOUZA, J.; BRITO,F. **A expansão urbana de Belo Horizonte e da Região Metropolitana**

de BH em direção ao Vetor Norte. In.: XVI Encontro Nacional de Estudos de População. 2008. Caxambu. Anais do XVI Encontro Nacional de Estudos de População.

SOUZA, J.; FRUTUOZO, J.V.P. **Rio de Janeiro: considerações sobre o processo de expansão urbana e interiorização do crescimento (1980-2010).** Urbe. Revista brasileira de gestão urbana, 2017.

SOUZA, Joseane e TERRA, Denise. **Indústria petrolífera, mercado de trabalho e nível de dependência da mão de obra exógena nos municípios produtores de petróleo da bacia de campos, RJ.** Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos, 2015. V.17, N.1, p123-143

SOUZA, Joseane; TERRA, D.C.T; CAMPOS, MM. **O migrante na reestruturação do mercado de trabalho na zona da produção principal da Bacia de Campos.** In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2012, Águas de Lindóia (SP). VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2012.

TODARO, M. P. (1969) **A migração da mão-de-obra e o desemprego urbano em países subdesenvolvidos.** In: MOURA, H. A. (org.), Migração interna: textos selecionados, Fortaleza, BNB/ENTENE, 1980, p.145-172, 722p.